ILUSTRAÇÃO

N.º 318 — 14.º ano

16-MARÇO-1939

PREÇO-5 escudos

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de JULIO VERNE distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.
6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
9 — 1.ª parte — *América do Sul* 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:
12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.
25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.
28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*
44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.
45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:
47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.
50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
51 — **O bilhete de lotaria n.º 9:672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.
55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.
60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:
61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican. trad. de Silva Pinto:
63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.
65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.
72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.
75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.
76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
81 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
82 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A primeira obra comemorativa
do terceiro centenário da Restauração

ACABA DE APARECER

A RESTAURAÇÃO

POR

Eduardo Brasão

da Academia Portuguesa da História

Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18$00**

Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20$00**

Pedidos à

Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA, a SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

O jornal de maior reportagem mundial

Paris-soir

Todos os dias. **70 centavos**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**

Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**

Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO **DR. EDUARDO COELHO**
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores

Páginas magníficas sôbre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, **Esc. 3$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

6-MARÇO-1939
N.º 318 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A COROAÇÃO DE PIO XII

REALIZOU-SE com grande solenidade e esplendor a cerimónia da coroação do Sumo Pontífice Pio XII. A Igreja de S. Pedro, a maior do mundo, ostentava a decoração brilhantíssima dos damascos de Inocêncio, a que os 1.500 lustres de cristal com suas 40.000 lâmpadas inaugurados por Pio XI davam maior realce.

Coroado com rica mitra de oiro, o Papa avançou por entre a massa dos 50.000 fiéis que o aclamavam delirantemente acenando com lenços e soltando vivas.

Diante do Papa, numa braseira de oiro, um prelado ia queimando flocos de estopa na ponta de uma vara de prata, enquanto uma voz canta na salmódia ritual: «Santo Padre, assim passa a glória do mundo».

Chegado em frente do altar, o Papa desceu da *sedia*, e, depois de recitar as preces usuais do princípio da missa assentou-se no trono.

Durante o «Kyrie», o cardial-diácono incensou o Papa e beijou-o na cara e no peito. Passou-se seguidamente à cerimónia da adoração. Os cardiais beijaram o pé e a mão do novo Pontífice que os abraçou. Os Patriarcas e os arcebispos beijaram-lhe os pés e o joelho direito, e os abades «mitrados» o pé.

Depois do «Gloria», o Papa sentou-se no trono, enquanto o primeiro cardial-diácono, precedido pelos porta-maças cerimoniais e seguido pelos auditores da rota e advogados consistoriais, desceu ao sepulcro de S. Pedro que se encontra nas criptas do Vaticano. O cardial, levando na mão a férula, coberta de veludo vermelho e guarnecida de prata, entoou as litanias da coroação, acompanhado pelo côro.

Finalmente, o Papa cantou o *Credo*, e, tendo lavado as mãos, dirigiu-se novamente ao altar.

No cálice foi deitado o vinho e a água, segundo um cerimonial particular em que tomaram parte o cardial-diácono e o sub-diácono. Após a consagração o Papa voltou ao trono de cabeça descoberta e ali comungou.

Finalmente o Sumo Pontífice voltou a lavar as mãos num pequeno vaso que lhe estendia o príncipe assistente do trono e, pondo novamente a mitra, dirigiu-se ao altar a fazer as últimas orações.

Tendo ao lado um auditor de túnica branca que arvorava a cruz papal, o Sumo Pontífice deu a benção apostólica à multidão.

Imediatamente depois, o Cardial da Basílica entregou ao Padre Santo uma bolsa branca bordada a oiro com 25 moedas antigas, como recompensa que lhe oferece o cabido do Vaticano por haver celebrado a missa.

Sua Santidade Pio XII dirigindo-se à grande varanda da Basílica de S. Pedro a fim de abençoar a multidão aglomerada na praça

Dormitório dum cardial durante o Conclave

COMO SE ELEGE UM PONTÍFICE

Alguns Conclaves através da História

São evocados vários pormenores curiosos

S. S. o Papa, que saiu eleito do Conclave que se realizou na primeira semana dêste mês é o 267.º representante de S. Pedro, na ordem ascendente dos Santos Padres, chefes da Igreja Católica Apostólica Romana.

O Conclave, contudo, que acaba de realizar-se para eleição de um novo Papa foi o 78.º O hábito de eleger o novo Papa em Conclave é, pois, de data recente se compararmos com os cêrca de 2.000 anos de história da Igreja Católica. Até ao 13.º século não era uso eleger o novo Papa num sigilo tão rigoroso como hoje se põe em prática; houve tempo em que as eleições se realizaram com inteira publicidade e em que nas eleições encontravam lugar, não só eclesiásticos, mas também imperadores, reis, príncipes e condes, grandes e pequenos barões, com numerosas comitivas militares e civis. Muitas vezes, havia lutas animadas entre os partidos opostos, que davam ocasião a derramamento de sangue. O Papa Gregório VII (1073-1085) foi o primeiro Papa que proíbiu essas lutas; decretou novas regras para a eleição papal, em virtude das quais só as três ordens de Cardiais, Bispos, Presbíteros e Diaconos deviam tomar parte nela, e cujas regras ainda hoje estão em vigor. Mas, ainda depois de decretado que só os Cardiais tomariam parte na eleição, esta continuou a sofrer influência exterior em virtude da qual durava a eleição muitas vezes não só semanas mas meses, durante os quais ficava a séde papal vacante. A eleição papal começada nos fins de 1268 em Viterbo, que pela sua duração é um verdadeiro *record*, pois que durou dois anos, dois meses e nove dias, constituiu um momento crítico na história dos Conclaves.

Os dois partidos, que representavam os interesses franceses e os interesses imperiais, lutavam encarniçadamente e as desavenças e intrigas só tiveram fim com a intervenção dos burguezes de Viterbo.

Depois dos 17 cardiais, que nessa ocasião tomavam parte na eleição, terem discutido durante dois anos sem terem chegado a qualquer resultado, tomaram os burguezes de Viterbo, no Outono de 1270, a energica decisão de encerrarem os senhores Cardiais no Paço Episcopal de Viterbo, de tal forma que não pudessem receber quaisquer sugestões ou influências externas; ficaram pois os Cardiais fechados *cum clave* até que tivessem eleito o novo Papa. Foi das duas palavras *cum* e *clav e, com chave,* que derivou o vocábulo corrente Conclave. Apesar, porém, daquelas disposições, não chegavam os Cardiais a qualquer acôrdo e os burguezes assistindo à demora começaram a tirar as telhas do telhado do palácio e a encurtar as rações fornecidas. Estava-se no Outono e como o frio ainda não apertasse, os Cardiais não davam sinais depressa, apesar do telhado destelhado. Mas o inverno foi-se aproximando e começaram as chuvas e o frio e ás Eminências começou a não agradar acamparem sob o céu aberto, até que por fim no começo do ano de 1271, elegeram, o arcediago de Liège, Teobaldo von Visconti, que ao tempo andava em peregrinação pela Terra Santa. O novo Papa tomou o nome de Gregório X e logo nos primeiros anos do seu pontificado, a 7 de Julho de 1274, publicou uma bula «Ubi periculum», em que decretou definitivamente que a eleição papal se deveria realizar sempre no mais absoluto sigilio. As determinações a respeito da eleição decretados por Gregório X no século XIII ainda hoje estão em vigor com pequenas modificações introduzidas mais tarde por outros Papas. As mais importantes fôram decretadas pelo Papa Pio X, no último século, e dizem respeito ao direito de veto que desde tempos muito remotos assistia a alguns monarcas católicos da Europa. Três potências gozavam dêsse direito: a Austria como «império muito católico»; a França como recordação de Avinhão, onde os Papas tinham residido e a Espanha como direito herdado de Carlos V. No século passado só a Austria fez uso dêsse direito, algumas vezes com motivos bastantes futeis, que, contudo, eram tidos por consequentes pela mentalidade da côrte austriaca.

No mês de Janeiro de 1824, usando daquele direito, a Austria impediu o cardial Albani de ascender á mais alta dignidade da Igreja, com o fundamento de que no ano de 1809, como núncio apostólico em Viena, tinha sido de opinião que, segundo as leis da Igreja, a arquiduqueza Maria Luísa não deveria tomar por espôso a Napoleão I, enquanto a ex-espôsa dêste, Josefina, fôsse viva. Em 1846 de novo a Austria usou do veto contra o Cardial Mastai-Ferreti, com o pretexto de que êste compartilhava de idéias demasiadamente liberais.

A côrte de Viena enviou um emissário especial a Roma, portador das cartas, que encerravam o veto, mas o emissário chegou a Roma quando a eleição já tinha tido lugar e Mastai-Ferreti, que tomou o nome de Pio IX, já havia sido elevado à séde papal.

Em 1903 a Austria fez uso do citado direito, pela última vez, contra o cardial Rampola, que foi núncio apostólico em Lisboa, durante alguns anos, a quem Viena acusava de tendências a favor da França e contra a Triplice Aliança, então constituída pela Alemanha, Itália e o império austro-hungaro; efectivamente Rampola não foi eleito.

Pio X, logo que subiu ao trôno papal, apressou-se a anular de uma vez para sempre o direito de veto de que ainda gozavam as três potências europeias. Para êsse efeito publicou uma Bula pelo Natal de 1904, em que claramente assentava que: «O direito a eleger o Pontifice Romano pertence exclusivamente aos Cardiais da Santa Igreja Romana, sem intervenção de qualquer autoridade laica de qualquer categoria ou ordem, etc.»

O número máximo de Cardiais que a Igreja reconheceé de 70; êste número, contudo, nunca está completamente preenchido porque os Papas têem por costume deixar alguns postos vacantes para que possam nomear os titulares quando seja urgente. Actualmente existem 62 Cardiais, dos quais 35 são italianos e 27 pertencem a outros países. Cada Cardial, segundo a tradição, pertence a uma das três ordens de Bispos, Presbiteros e Diaconos. Dos Cardiais actuais, 6 são Cardiais-Bispos, 48 cardiais-Presbiteros e 8 Cardiais-Diaconos. Os principes da Igreja reunem-se a-fim-de de eleger o Vigário de Jesus Cristo e Bispo de Roma, que são os dois titulos mais antigos dos Papas.

Armas do cardial Faceiti cuja divisa continua a ser a do Papa Pio XII

Os primeiros Bispos de Roma costumavam ser escolhidos de entre os Diaconos das primitivas Igrejas Cristãs e, como recordação dessa circunstancia, são os Cardiais titulares das 70 mais antigas Igrejas e Dioceses de Roma.

O Cardial Verdier, Arcebispo de Paris, é titular da Igreja de Santa Balbina; o Cardial Faulhaber, Arcebispo de Munique, é titular da Igreja de Santa Maria Anastácia; o Cardeal Mundelein, Arcebispo de Chicago, é titular da Igreja de Santa Maria del Popolo; o Cardial Segura y Saens, Arcebispo de Sevilha, é titular da Igreja de Santa Maria em Trastevere; Sua Eminência D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardial-Patriarca de Lisboa, é titular da Igreja dos Santos Pedro e Marcelino e assim sucessivamente.

Durante os preparativos para o Conclave têm lugar no Vaticano várias e complicadas cerimónias religiosas. A parte média do Vaticano, constituída pelos edifícios em volta do patio de S. Damaso, fica separada por meio de taipais, deixando apenas seis pontos, donde se pode comunicar com o exterior, através de outras tantas portas giratórias. A estas portas dá-se o nome de «ruota» ou seja a «roda». A cada porta posta-se um funcionário papal que toma o nome de «Capitano di Ruota». Da parte de dentro coloca-se um sacerdote chamado «Auditore de Ruota» de forma que só por intermédio dêstes guardas se pode obter comunicação com os membros do Conclave e isso apenas durante duas horas de manhã e duas horas á tarde. As cartas para o interior são abertas e examinadas cuidadosamente pelo Marechal do Conclave antes de chegarem ao seu destino.

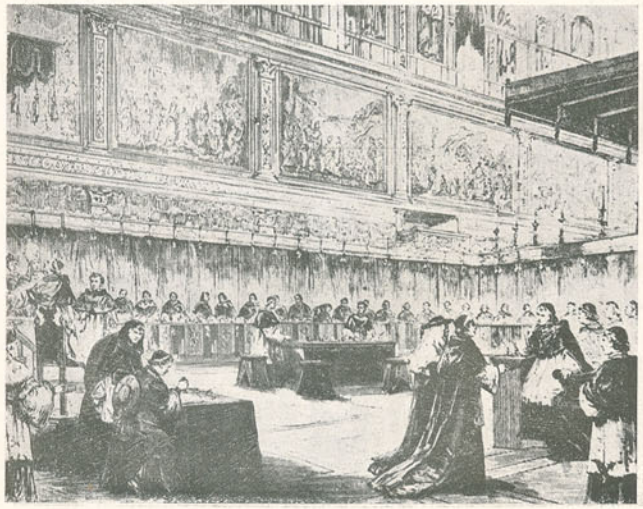
Se algum visitante pretende comunicar com qualquer dos guardas deve fazer a sua comunicação em voz alta, para que se verifique que a comunicação não respeita aos membros do Conclave. Da parte de dentro do recinto reservado também ha a tomar disposições especiais. Para cada um dos 62 Cardeais destina-se uma moradia apenas mobilada com o indispensável, que consta de 3 aposentos, para o Cardial, seu secretário e um criado.

As janelas são tapadas com pranchas de madeira pregadas a prego e martelo, deixando apenas uma abertura para dar entrada ao ar exterior. As pessoas que, além dos Cardiais, têm de permanecer estrictamente encerradas enquanto funciona o Conclave, são além do secretário e criado do respectivo Cardial: um sacristão, um confessor, dois médicos, um cirurgião, dois monges farmacêuticos, três criados de mesa, um copeiro, onze cosinheiros, seis ajudantes dos cozinheiros, seis monges para o serviço da porta, um arquitecto, três bombeiros, um carpinteiro, um pedreiro, um serralheiro, um canalisador, três barbeiros e cinco limpa chaminés.

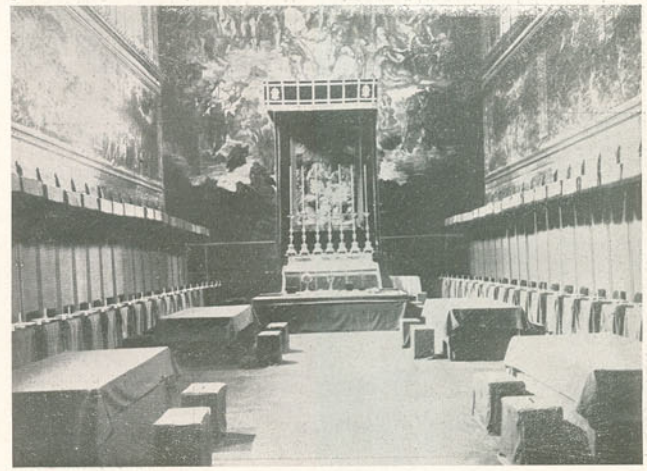
O sêlo do Conclave de 1939

Antes do começo do Conclave, tôda esta gente tem de ir á presença do Marechal do Conclave, na capela de S. Paulo, onde lhes é comunicado, sob pena de excomunhão, que não devem entabular quaisquer comunicações para o exterior e só depois de terem prestado juramento são admitidos para o interior dos recintos.

Na véspera do encerramento tem lugar a cerimónia dos juramentos e na manhã seguinte o Decano dos Cardiais, que é actualmente o Cardial Granito di Belmonte, Bispo de Ostia, que conta 90 anos de idade, celebra, na capela de S. Paulo, a missa do Espírito Santo, protector dos Cardiais reünidos; em seguida dirigem-se todos para a capela Sixtina onde tomam lugar nas poltronas que lhes são destinadas, colocadas ao longo das paredes laterais e encimadas com os seus baldaquinos. Aqui lhes são



O momento da votação na Capela Sixtina



Um aspecto da Capela Sixtina

Vista geral do Vaticano

lidos os regulamentos dos Conclaves a que cada Cardial responde em voz alta «giuro» e depois destes respondem o mesmo «giuro» o Marechal e os Guardas Nobres.

O Marechal do Conclave é o conde Ludovico Chigi della Rovere-Albani, Grão Mestre da Ordem de Malta, a quem compete a vigilância sôbre os guardas do Conclave. Os Guardas Nobres, que contam aproximadamente uns sessenta, fazem todos parte da aristocracia romana e devem pertencer a famílias cujos títulos tenham pelo menos um século. O seu uniforme consta de um casaco côr de púrpura, calções brancos de cabedal, botas altas negras e na cabeça levam um capacete, ornado com uma cauda de cavalo. São estes a quem cabe o direito, em primeiro lugar, logo depois da eleição papal, a entrarem na Capela Sixtina e acompanharem o novo eleito á sua primeira aparição em público.

A última cerimónia, que precede o Conclave, consta da encerração da última porta com quatro chaves, duas pela parte de dentro e duas pela parte de fóra, que são guardadas respectivamente pelo Marechal da parte de dentro e por um monge da parte de fora. No dia em que começa realmente o Conclave, ás 10 horas da manhã, dirigem-se os Cardiais para a Capela Sixtina, onde tomam lugar nas suas poltronas e começa a cerimónia da eleição.

Em tempos antigos deram-se casos em que alguns Cardiais desistiram do voto e em que o novo Papa tinha de ser eleito por «compromisso» ou por «inspiração».

A eleição do Papa por «compromisso» dava-se quando, depois de muito votar, se verificava a impossibilidade de reünir duas terças partes dos votos a favor do mesmo Cardial e então um dos Cardiais propunha o nome que êle considerasse mais digno daquele alto cargo. Esta forma de eleição está hoje posta de lado por perigosa.

No Conclave do ano de 1406, os Cardiais vendo, depois de muitos dias, que não conseguiam chegar a um acôrdo, propôs um dêles que o Cardeal Jacques d'Orsat, indicasse o nome que mais digno achasse da alta dignidade. D'Orsat levantou-se e disse *Papa io* ou *Eu sou o Papa.*

A eleição por «inspiração» dá-se quando duas terças partes dos Cardiais se dirigem pessoalmente á cela do candidato em que votaram e daí chamam pelo novo Papa.

Foi por esta forma que subiram ao trono papal Marcelo II e Paulo IV. Foram êsses casos excepcionais e as eleições tiveram sempre por base o voto directo dos Cardiais.

Cada Cardial escreve num boletim o seu nome, o nome do seu escolhido e um moto em latim. Os votos são lançados numa urna, que se encontra depositada sôbre o altar-mór; a contagem é feita em seguida por um dos Cardiais, que conta os votos, comunica aos outros o resultado e queima os boletins num forno, que existe a um canto da Capela Sixtina. Se o Conclave não chegou a um acôrdo a respeito da eleição, aos boletins junta-se um pouco de palha molhada para produzir fumo negro, que anuncia o resultado negativo da eleição.

Se, porém, duas terças partes dos votos recaírem sôbre o mesmo candidato é êste o Papa eleito e então os boletins queimam-se sem a palha e a nuvem tenue de fumo branco anuncia à multidão, reünida na Praça de S. Pedro em frente do Vaticano, e ao mundo inteiro, que está eleito o novo Papa. O Cardeal Deão dirige-se á poltrona do Cardial eleito e dirige-lhe esta pergunta em latim: «*Acceptasne electionem de te canonice factam in Summum Pontificem?*» Se o eleito responde afirmativamente, faz-lhe o Deão segunda pergunta para inquirir o nome que quer assumir como Papa e tendo êste respondido sentam-se os Cardiais nas suas poltronas, de sôbre as quais desaparecem os baldaquinos, excepto de sôbre a poltrona do novo eleito.

Pelo falecimento do último Papa S. S. Pio XI, reuniu-se o conclave para eleição do novo Pontífice a 2 de Março corrente e no próprio dia, ao terceiro escrutinio, ficou eleito o novo Papa.

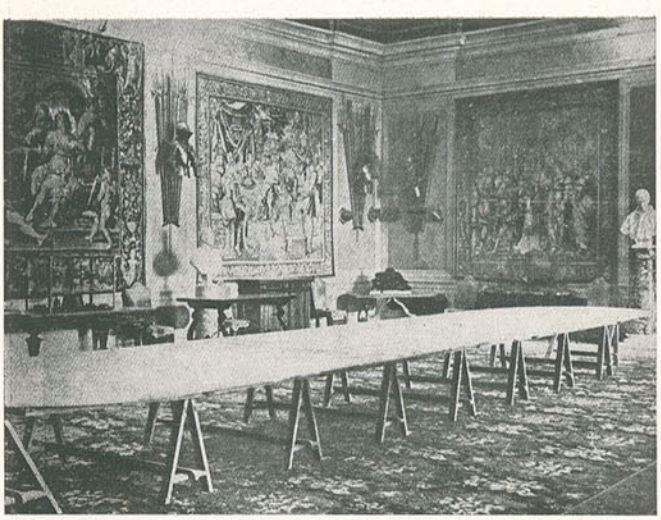
Esta alta dignidade da Igreja recaiu sôbre Sua Eminência o Cardial Pacelli, que tomou o nome de Pio XII.

Após a eleição abrem-se as portas da Capela Sixtina e o secretário e o criado do novo Papa acompanham-no a uma sacristia onde se reveste com os trajes próprios de Sua Santidade que constam de batina alva, meias brancas, sapatos vermelhos com uma cruz doirada, faixa branca, murça vermelha orlada de arminho, e solideu branco e estola bordada a oiro. Revestido das vestes papais os Cardiais beijam-lhe o pé, ao que o Papa responde com um abraço. Na Praça de S. Pedro, a multidão espera com impaciencia que lhe digam o nome do novo Papa que lhes é comunicado pelo Cardial mais idoso da ordem dos Diaconos. Este dirige-se para o balcão da Basilica de S. Pedro e dali anuncia em latim a eleição do novo Papa: «*Annuntio vobis gaudium magnum: habemus Pontificiem Eminentissímum Pacelli qui sibi nomen imposuit Pius XII*».

Algumas vezes se tem dado a caso do povo não ouvir bem o nome do Papa e espalha em Roma um nome errado; desta vez, porém, não se poderia dar o caso porque, pela primeira vez na história do Papado, o nome do eleito foi espalhado pelo mundo por meio da radio: os católicos de Chicago, Buenos-Aires ou Melbourne tiveram conhecimento do nome do novo Pontifice talvez ainda antes da multidão reunida na Praça de S. Pedro, ansiosa por conhecer a côr do fumo ténue dos boletins queimados.

O Progresso, ao serviço da religião católica, conseguiu tudo isso, como já conseguira substituir com vantagem a iluminação das velas de cêra, pela luz poderosa das lâmpadas eléctricas que o falecido Papa tanto amava.

ADOLFO BENARÚS.



Mesa para as refeições dos Cardiais enquanto durar o Conclave

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O sr. Arcebispo de Mitilene pouco depois de ter ministrado a comunhão a cêrca de 2.500 filiados dos vários organismos da capital. A cerimónia foi celebrada no Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII ao fundo de cuja ampla sala foi armado um grande altar

Um aspecto da assistência ao *Te Deum* celebrado na igreja de S. Domingos em acção de graças pela coroação de Sua Santidade o Papa Pio XII. Presidiu monsenhor Anaquim, vigário regal da diocese. A parte musical foi executada por alunos da Schola Cantorum do Seminário dos Olivais

O professor Eugenio Morelli, eminente tisiólogo italiano, com algumas das pessoas que assistiram ao almôço de homenagem que lhe foi oferecido pelo sr. professor dr. Celestino da Costa, director da Faculdade de Medicina. — *A' direita:* O sr. ministro do Interior na sua visita a Almada, onde condecorou as pessoas que se distinguiram no salvamento dos náufragos do «Tonecas»

O sr. Presidente da República na sessão inaugural do 1.º Salão dos Estudantes de Coimbra em Lisboa. Esta ideia resultou da Casa de Coimbra que deu uma larga colaboração e que foi auxiliada por várias individualidades de grande relêvo. — *A' direita:* O sr. dr. Carlos Santos realizando a primeira conferência do presente ano de trabalhos da Sociedade de Radiologia, na Ordem dos Médicos

D. João IV

DE 1640 A 1668

O VALOR DIPLOMÁTICO DA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Um magnífico livro do escritor Eduardo Brazão

Acaba de aparecer a primeira obra comemorativa do terceiro centenário da Restauração da Independência de Portugal, cuja celebração vai ser condignamente festejada. Portugal, enfraquecido pelo terrível desastre de Alcácer Quibir, caíu sob a alçada de Felipe II o habilíssimo político que, por suas manhas, mereceu o cognome de Prudente *e que por suas ambições desmedidas foi conhecido por* Demónio do Meio Dia.

Emmaranhada e ardilosa foi a teia de intrigas diplomáticas que o sombrio monarca espanhol urdiu, podendo dizer-se que conseguiu mais com a sua astúcia diplomática, do que com a bravura das fôrças do duque de Alba ao bater o pequeno e pobre exército do Prior do Crato.

Decorreram sessenta anos de cativeiro, isto é, sessenta anos de convalescença sôbre a espantosa hemorragia aberta pelo ímpeto do nosso visionário rei D. Sebastião.

Sessenta longos anos durante os quais o pobre enfermo teve delírios de emancipação, evocando a figura redentora do Santo Condestável que parecia surgir num corpo mais vasto que o de Aljubarrota e que ocupava Portugal inteiro.

E ao longe, muito ao longe, descortinava a figura varonil do Desejado *que, triunfando da própria morte, viria redimir uma Pátria algemada. O* Encoberto *chegaria numa manhã de nevoeiro...*

Sonho talvez?... Miragem de espírito febril?...

Não. Realidade. Portugal emancipou-se, voltando a ocupar o lugar que legitimamente lhe competia ao lado das nações livres.

É êsse Portugal restaurado que o ilustre escritor Eduardo Brazão nos apresenta no seu magnífico livro A Restauração *em cujas páginas são desfiadas por mão de mestre as relações diplomáticas desta gloriosa Pátria desde 1640 a 1668.*

Eduardo Brazão provou já a sua altíssima competência como historiador, apoiado em flagrantes documentos diplomáticos, noutras obras que obtiveram o mais extraordinário êxito.

Acaba de aparecer o seu novo livro A Restauração, *o primeiro que vem comemorar o terceiro centenário da emancipação de Portugal.*

Damos, a seguir um trecho dessa bela obra para que os nossos leitores avaliem do seu valor real e oportunissimo:

VAI Portugal festejar em 1939 e 1940 duas das suas mais gloriosas datas — a da *Fundação* e a da *Restauração*.

Foi em Março de 1139, segundo a descoberta do eminente Professor Paulo Merêa, que Afonso Henriques se começou a intitular Rei; «não *rei* simplesmente, *rex Alfonsus*, designação que a sua estirpe régia poderia explicar, diminuindo o valor político do têrmo, mas sim, muito precisamente, *rei dos portugueses, Alfonsus portucalensium rex*, frase que traduz o desejo de proclamar categòricamente a independência nacional».

Quinhentos anos depois, com a mesma vitalidade e amôr pelo torrão pátrio, o nosso país libertava-se do poder espanhol, que logo após a morte do Cardeal-Rei se tinha coberto com a corôa gloriosa de Afonso Henriques.

Duas datas memoráveis que Portugal tem de festejar condignamente.

* * *

Com a modéstia própria de quem possue minguados recursos, vamos também dar a nossa colaboração a essas comemorações, publicando êste trabalho sôbre a acção diplomática de Portugal, exercida durante o período restauracionista.

Até há relativamente poucos anos, via-se entre nós numa completa ignorância do que fôra o esfôrço assombroso da política externa iniciada em D. João IV e que teve como desfecho a paz com a Espanha de 1668. Todos sabiam de cor os nomes sonoros das batalhas que então travámos — Montijo, Ameixial, Castelo-Rodrigo, Montes-Claros... — mas poucos conheciam os nomes dêsses grandes diplomatas, que se chamaram Francisco de Sousa Coutinho, Pereira de Castro, Andrade Leitão, Sousa de Macêdo, Marquêses de Sande, de Niza e de Cascais, Mendonça Furtado, Francisco de Melo, Silva e Sousa, Botelho de Morais, Soares de Abreu e tantos e tantos outros que batalharam por essa Europa fora pela consolidação da nossa recente independência. Escola magnífica de diplomacia foi essa que nos fez viver o período áureo das nossas relações externas. As batalhas defenderam-nos momentâneamente da investida do reino vizinho, então já em declínio, mas os diplomatas conseguiram que perdurasse a independência, que de início parecia não poder subsistir.

Foi com o ilustre Visconde de Santarém, com Prestage, com Roma du Bocage, que se começou a levantar o véu espêsso que encobria as guerras da inteligência durante a Restauração, mais brilhantes, sem dúvida, que as travadas entre os exércitos de D. João IV e de D. Afonso VI e dos *Reis católicos*.

Seria difícil a Portugal manter-se face a face da Casa dos austrias espanhois se não fôsse tecendo na Europa a rêde indispensável de alianças que conseguiram equilibrar a nossa fraqueza com a fôrça que ainda restava à Espanha.

Desconhece-se ainda entre nós, em grande parte, o trabalho paciente e notàvelmente lúcido dos homens que D. João IV e D. Afonso VI lançaram pela Europa na defesa dos nossos mais altos interêsses. A história diplomática dêste período, no seu conjunto, ainda estava por fazer, o que não constituiu agora, para nós, tarefa pesada, dados os inúmeros trabalhos parcelares sôbre a matéria e entre os quais se nos afigura de justiça destacar os dum estrangeiro ilustre — o Prof. Edgar Prestage, para quem Portugal tem uma grande dívida, ainda em aberto.

Nêste nosso trabalho resolvemos tocar nos pontos fundamentais de tôda essa política externa durante a Restauração, aflorando os seus principais assuntos com seqüência.

Assim, começamos por estudar *a legitimidade da Restauração*, pois sem êsse problema resolvido não poderíamos partir daquele ponto essencial que é o direito que nos assistia de nos sublevarmos contra o jugo espanhol, pondo assim de parte quaisquer idéas de revolta contra o poder legítimo que governava Portugal.

Segue-se a análise às *condições em que a revolução de 1640 se realizou*, que foram duma alta e decisiva importância para a nossa atitude no 1.º de Dezembro de 1640. Operámos, na verdade, no momento oportuno, quando a Espanha estava ocupada na guerra, o que levava a França a incitar-nos à revolta, para assim diminuir o poder ofensivo da inimiga comum.

Depois, descrevemos a acção da primeira Embaixada que saiu de Portugal em seguida à Restauração — *a missão diplomática do P.e Inácio de Mascarenhas*.

Como conseqüência do nosso grito libertador tivemos de procurar junto do reino de Luís XIII, que nos encorajara, a efectivação do auxílio prometido.

Eduardo Brazão no seu gabinete de trabalho

Daí o estudo da *«liga formal» com a França*.

Quando o apoio nos faltou do lado de Mazarino, pela assinatura do tratado dos Pirinéus, em que as duas inimigas da «guerra dos trinta anos» se reconciliaram, fomos procurar na *aliança com os Stuarts*, que perdurara, em grave risco para nós quando Cromwell governou a ilha britânica, o apoio que precisávamos, e assim escapámos com uma habilidade rara à absorpção pela Espanha, que parecia evidente.

A atitude para com Portugal manifestada pela Roma papal — inibida de nos reconhecer em virtude da coacção que sôbre ela exercia a Espanha — é estudada na *questão da apresentação dos bispos*, que só terminou no reinado de D. João V.

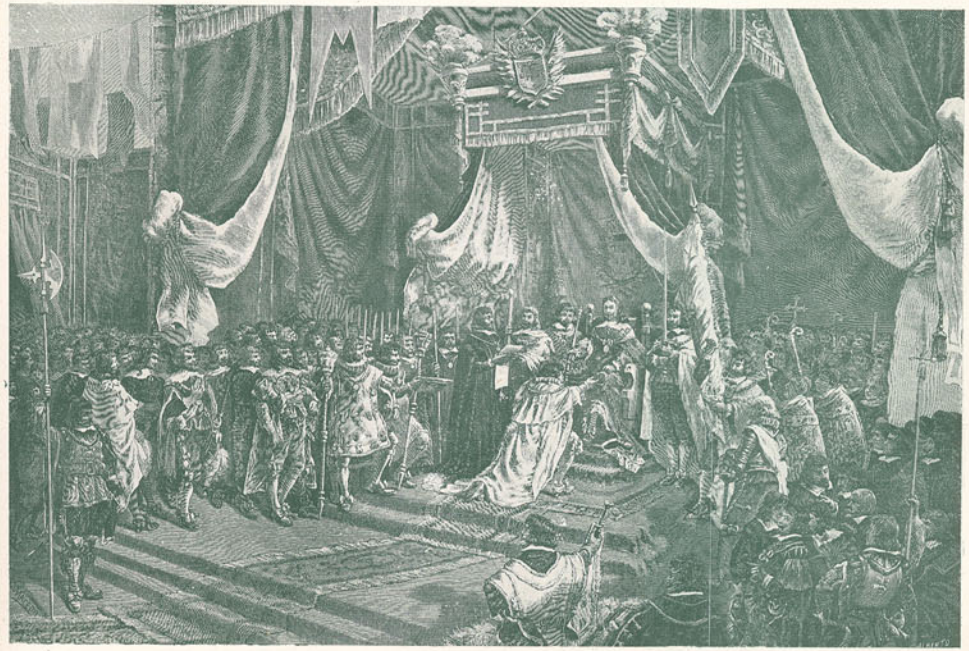
A situação das nossas colónias índicas, africanas e brasileiras, que quási perderamos depois da Restauração e que pouco a pouco foram ingressando no novo Portugal independente, é descrita quando abordamos as *relações diplomáticas com a Holanda e a questão colonial*. Aí mostramos como conquistámos — quási se pode dizer — o Brasil perdido e Angola e S. Tomé, com as negociações diplomáticas nos Países Baixos.

Também sôbre a Suécia e Dinamarca incide a nossa atenção, notando a importância que tiveram para o nosso prestígio as hábeis *relações diplomáticas com os países do Norte*, que então entabulámos.

Pelo interêsse que o assunto merece referimo-nos ao precioso «Diário» do diplomata Soares de Abreu, onde nos é contada a *Fronda* por um português, dos poucos memorialistas que tivemos nêsse século.

E terminamos com *a paz com a Espanha*, remate desta obra portentosa que ficámos devendo, em grande parte, à diplomacia restauracionista, tão injustamente esquecida durante tanto tempo e ainda hoje divulgada apenas entre os estudiosos e os eruditos.

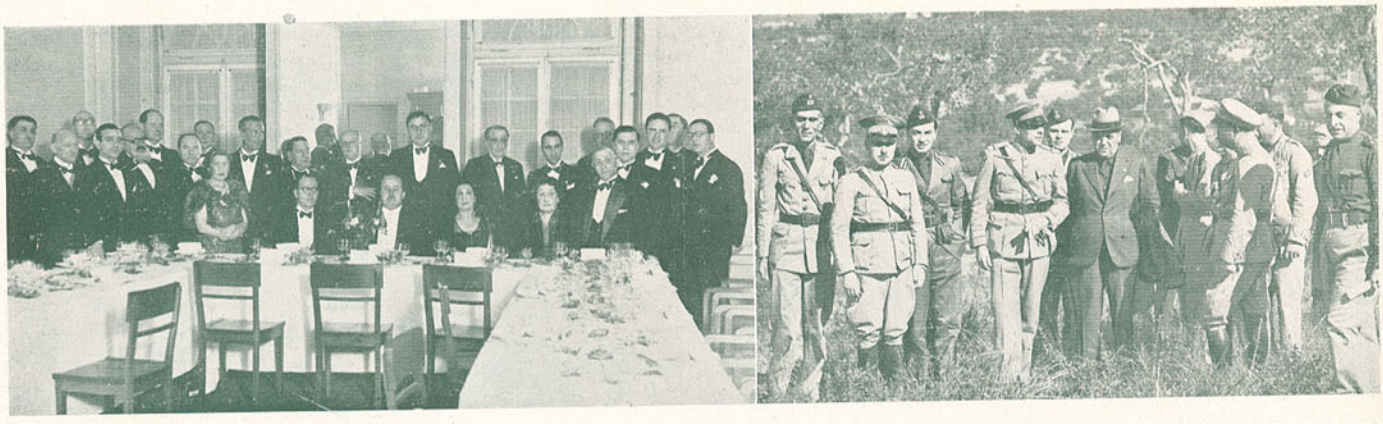
EDUARDO BRAZÃO.



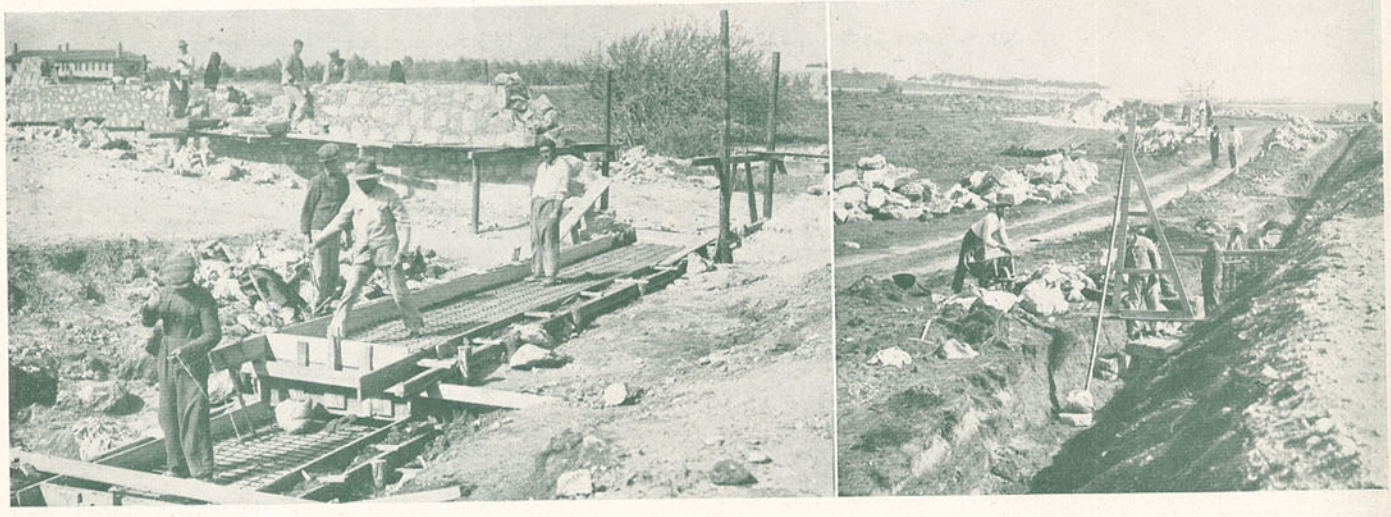
A aclamação de D. João IV

ECOS DA QUINZENA

Máquina de transplantar árvores de grande porte, sem a menor beliscadura que a Câmara Municipal de Lisboa acaba de adquirir na Alemanha. A nossa gravura mostra uma das fases dessa curiosa operação feita em Belém, no recinto destinado à Exposição do Mundo Português. — *A' direita:* Um acampamento de Legionários Portuenses após vários exercícios militares na presença do Estado Maior



Um aspecto do jantar oferecido no Centro da Imprensa Estrangeira em Portugal a que presidiu o sr. Embaixador de Espanha. — *A' direita:* O sr. general Casimiro Teles assistindo aos exercícios militares da «Legião Portuguesa», batalhão n.º 49, de Setúbal. Estes exercícios mostraram o grande aproveitamento dos bravos e patrióticos rapazes



Dois aspectos da construção da magnífica auto-estrada que está sendo aberta entre Lisboa e Cascais. Sendo uma obra de vulto e de grande interêsse para a região de turismo ribeirinha, está dando trabalho a algumas centenas de operários e deverá valorizar tôda a zona de veraneio da Costa do Sol, permitindo a rápida deslocação de Lisboa aos Estoris e Cascais, já razoàvelmente servida pelo combóio eléctrico

TEMAS DE HOJE

FALTA DE HIGIENE OU DE EDUCAÇÃO?

Uma das coisas que prejudicam a humanidade e põem até uma manha deselegante na sua educação é, sem sombra de dúvida, a relutância que certas pessoas manifestam em observar os preceitos de higiene, sem importância na aparência para muitos, mas realmente dignos de melhor atenção de tôda a gente.

Fala-se aí em pôr cabo a êsse exagêro de cuspo que se vê por tôda a parte, e até se pensava em suprimir essa expansão das glândulas salivares e de várias mucosas que para isso concorrem, na via pública.

Uma tentativa deveras simpática, mas impossível de vêr convertida em realização, a não ser que se puzesse um polícia à ilharga de cada indivíduo que se pavoneia por essas ruas.

E é para lamentar que seja preciso guiar adultos, como se fôssem crianças pequenas, e que não sejam êles próprios que pensem e vejam mesmo que é desagradável essa cuspinheira, enchendo passeios e calçadas.

■

As verdades custam sempre a ouvir, mas é preciso que se digam.

Esteve há tempos em Lisboa um literato estrangeiro, que foi aqui bem recebido e tratado com mil atenções, e que disse, e escreveu até, que Lisboa era a cidade da Europa onde mais se cuspia. Ficou tudo fulo com a criatura. Entendiam que se era amigo não devia falar nessas coisas que nos desfeiavam.

Pois eu não. Sabei que teve tôda a razão; porque não caluniou, disse apenas a verdade. Eu confesso que posso reconhecer os defeitos das pessoas a quem queira muito, sem deixar de querer-lhes, com a mesma sinceridade.

O que me custa é que não tenham, em vez de defeitos, qualidades que eu muito desejaria encontrar em quem mereceu o meu afecto.

E aconteceu certamente assim com êsse amigo do nosso país que êle admira nas suas virtudes, e lamenta nos seus deslises.

E esta coisa de cuspir a torto e a direito, sem respeito pelos outros é forte deslise, até.

O que não quere dizer que as pessoas que as pessoas que assim procedem não tenham qualidades dignas da nossa estima e, talvez, da nossa admiração.

É uma questão de hábitos que se corrigem com fôrça de vontade e um pouco de reflexão.

E querem saber mais uma razão para que o tal escritor tenha reparado nesse péssimo costume dos peões lisboetas?

É que lá fora é isso muito mal visto. Em Paris até um simples operário faz troça de qualquer que cuspa na rua.

Êste verbo cuspir está aqui para suavizar o facto. O que convinha é menos limpo.

■

O que não se pode conseguir nas ruas pode com certeza levar-se a efeito nos cafés, restaurantes e outros estabelecimentos onde o caso é mais nojento e perigoso.

Temos estabelecimentos de luxo que convidam à observância dos princípios higiénicos e é triste o que por lá se vê, que chega a causar repugnância a quem entra para tomar um café ou uma refeição.

Nisto é que me parece que as autoridades competentes deviam prestar o auxílio da sua fôrça, proibindo, sob pena de multa, a desgraciosa prática da cuspinheira, que nos diminui aos olhos dos nossos visitantes.

E mesmo para nosso regalo próprio e asseio.

Nós não devemos lavar-nos e cuidar da nossa indumentária em atenção aos outros. Devemos cuidar-nos para nosso prazer pessoal.

Eu entendo assim e fiz sempre assim.

■

E olhem cá. Nós não temos o pudor de esconder certos actos fisiológicos do nosso organismo?

Pois cuspir é da mesma espécie. Tenhamos vergonha dessa pouco agradável expansão.

O lenço que serve para assoar também serve para receber êsses detritos do nosso organismo que são o cuspo e congéneres.

A lavadeira não leva mais caro por isso.

Entendido?

A água lava tudo "até os peixes", como diz a Beatriz, no filme em voga, *Aldeia da Roupa Branca*.

Só não lava as consciências...

Mas não é agora o nosso caso.

MERCEDES BLASCO.

Estátua jacente do filho de Napoleão

NÉVOAS DO

A vida amorosa do

Como êle quis apaixonadamente

O inverno chegou, cobrindo as áleas do parque de Schoenbrunn dum alvíssimo sudário de neve. E, um a um, os meses passaram. Começou a primavera, restituindo aos arbustos a sua folhagem esmeraldina e fazendo desabrochar as flores numa orgia de côr e de beleza. E, um a um, os meses decorreram. Entrou o verão, amadurecendo os frutos dos pomares imperiais. E, um a um, mais alguns meses voaram ainda...

Mas quando o outono voltou à Terra, quando, de novo, as fôlhas sêcas principiaram a atapetar as avenidas com a sua alcatifa de damasco fulvo e a cobrir os lagos de minúsculos batéis de ouro, Sofia da Baviera achou-se só, passeando, ou antes, vagueando como uma sombra pelas áleas do parque de Schoenbrunn.

Afinal, não tinha sido a França, não tinha sido a Águia Imperial, não tinha sido a Glória que lhe haviam arrebatado dos braços o seu amado Franz, mas sim o sinistro arcanjo de asas negras...

De vagar, com a fronte curvada e os braços dolorosamente pendidos, vestida de luto, tal como o vivo fantasma da dor caminhando entre as tumbas dum jazigo imenso, a princesa ia andando, andando sempre, enquanto um rosário de lágrimas lhe deslizava pelas faces pálidas.

Aqui, detinha-se em frente a uma estátua; acolá, junto a uma fonte; mais adiante, ao pé duma árvore. Depois, acabrunhada pela dor, sentava-se, ou por outra, deixava-se cair, num banco de pedra.

A visão de cada uma dessas fontes, dessas estátuas e dessas árvores que tantas vezes a tinham visto passar, alegre e feliz, amorosamente apoiada no braço do seu Franz, era um novo espinho que vinha cravar-se no seu já tão magoado coração.

Realmente, enquanto tivesse olhos para ver e coração para sentir, jamais, ao percorrer aqueles jardins, poderia deixar de evocar o "Pequeno Bonaparte".

É que àquele parque de Schoenbrunn estavam, por assim dizer, ligadas tôdas as etapas da vida de Francisco Carlos Napoleão.

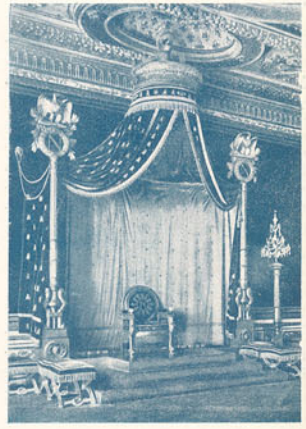
À sombra daquelas tílias — velhas de quási um século — tinha êle (então uma criança ainda, quando já a sinistra águia negra dos Habsburgos havia capturado nas suas garras aduncas o dourado "Aiglon" francês) brincado, falando sempre, com saüdade, nesses jardins das Tulherias que um dia, sem que êle soubesse a razão, apesar de tôdas as suas lágrimas e todos os seus gritos, o haviam forçado a abandonar.

A sombra daquelas tílias — velhas de quási um século — tinha êle (já então rapaz de catorze anos precocemente amadurecido pela dupla orfandade, pela solidão e pelo infortúnio) caminhado, com as mãos atrás das costas e a fronte anuviada, pensando sempre no homem morto, lá longe, em S.ta Helena, com o seu nome nos lábios.

À sombra daquelas tílias — velhas de quási um século — tinha êle (então um adolescente, alto, loiro, maravilhosamente belo no seu uniforme branco) galopado ébrio de glória e de amor.

À sombra daquelas tílias — velhas de quási um século — tinha êle (então apenas com vinte e um anos, quando já o seu pobre coração de cristal, embora mantido pela sua alma de ferro, principiava a estilhaçar-se) arrastado os seus últimos passos...

Uma turba de recordações mais íntimas — recordações essas que se achavam estreitamente, indissolùvelmente ligadas às fontes, às estátuas e às árvores daquele parque — acudiu ao espírito da arquiduquesa.



O berço oferecido pela cidade de Paris ao filho de Napoleão

Nunca mais! — murmurava para consigo com os olhos enevoados pelo pranto — nunca mais!...

Nunca mais, nunca mais aquela voz terna e quente do amoroso soaria caricio-samente aos seus ouvidos, exprimindo-lhe todo o seu desejo e paixão...

Nunca mais, nunca mais aqueles braços, sempre ávidos, a estreitariam de encontro ao peito, onde o coração batia em unísono com o seu, entoando um hino de amor...

Nunca mais, nunca mais aqueles lábios, eternamente sequiosos, se uniriam aos seus, num dêsses beijos de fogo que são, não só a união de dois corpos, mas a fusão de duas almas.

A morte passara com o seu gélido sôpro, e do formoso cavaleiro loiro, verdadeira estátua talhada em jaspe, fizera um belo, mas triste, mármore jacente.

Sôbre a cabeça da princesa o céu estendia o seu mais rico pálio côr de pervinca e o sol, já enfraquecido, mas ainda esplêndido, derramava-se numa chuva de ouro, polvilhando as árvores, o ar e a terra de poalhas luminosas. A seus pés,

O túmulo do duque de Reichstadt na Capela dos Capuchinhos em Viena

PASSADO

filho de Napoleão

à princesa Sofia da Baviera

as últimas flores exalavam os seus mais capitosos perfumes.

Mas que importava a Sofia o azul do céu, o ouro do sol e o aroma das flores, se morrera aquele que fazia da sua vida um céu aberto; aquele que era o sol da sua existência; aquele que perfumava os seus dias de suprema ventura?

Sofia da Baviera ergueu-se do banco, enxugando as lágrimas que lhe rolavam pelas faces, e dirigiu-se ao palácio.

Subiu a escadaria que conduzia ao primeiro andar e dirigiu-se ao grande pavilhão da esquerda. Atravessou ràpidamente uma enfiada de salões e veio deter-se em frente a uma alta porta maravilhosamente trabalhada. Durante alguns momentos permaneceu imóvel, com o rosto colado à madeira, orvalhando de lágrimas as almofadas da porta. Dir-se-ia a estátua da dor apoiada à entrada dum sepulcro.

Ao cabo de alguns instantes recobrou alento, abriu a porta e avançou silenciosamente, como que dominada pelo receio de acordar com os seus passos o éco naquela vasta e solene dependência desabitada do palácio.

Aquela vasta e solene dependência tôda revestida de *panneaux* de velha laca chinesa negra e dourada, tinha, mais de vinte anos antes, servido de gabinete de trabalho a Napoleão I quando, após as batalhas de Austerlitz e Wagram, habitara, por duas vezes, Schoenbrunn.

A princesa Sofia abriu ainda outra porta e achou-se num quarto de dormir, em cujas paredes, forradas de seda verde, se destacavam uma formosa tapeçaria dos Gobelins e um retrato do imperador Francisco I.

Aquele quarto verde, em cuja mobília de madeira negra, profusamente dourada, transparecia o gôsto de sombria magnificência, que presidiria a tôda a decoração do palácio, tinha igualmente servido a Napoleão I.

Ali, tinha o grande imperador dormido, velado pelo seu fiel mameluko Roustan. Ali, tinha, pela primeira vez, surgido ao seu espírito a ideia de desposar uma das princesas imperiais austríacas. Dali, tinha, por conseguinte, nascido o rei de Roma.

E, por uma sinistra ironia do destino, fôra ali, precisamente naquele quarto verde, numa radiosa madrugada de verão, quando no céu róseo e lilaz principiavam a surgir, semelhantes a flechas de ouro, os primeiros raios de sol, que o rei de Roma, despojado de todos os seus títulos, viera morrer, prisioneiro dessa águia negra dos Habsburgos que, vinte anos antes, nos campos de peleja, a águia napoleónica estendera aos pés, quási exangue, forçando-a a pedir mercê...

Quem diria olhando, em 1811, a criança adormecida no berço oferecido pela cidade de Paris — o maravilhoso berço desenhado por Prud'hon e executado por Thomire et Ochot de ouro, nacar, *vermeil*, seda e veludo, assente sôbre quatro cornucópias da Abundância acompanhadas dos génios da Fôrça e da Justiça, tendo, à cabeceira, a Glória, sustentando, por cima do Mundo, a corôa da imortalidade no meio da qual cintilava a estrêla de Napoleão, e, aos pés, um pequeno "aiglon", de olhos fitos na estrêla, prestes a levantar vôo — que aquela existência, tão radiosamente despontada, havia de extinguir-se na obscuridade e no exílio?!

Sofia da Baviera cerrava as pálpebras e revia a última vez que vira Francisco Carlos Napoleão em fôrça e em beleza.

Via-se a si própria debruçada numa das janelas do palácio da Hofburg que davam para o pátio interior.

Via-o a Ele, muito alto, muito esbelto, muito garboso no seu novo uniforme de coronel, montado num magnífico cavalo negro, passando revista à Guarda. Como a todos então Ele, com o seu porte marcial, o seu soberbo levantar de cabeça e a sua rara elegância, parecera belo e digno dum trono!

Num dado momento, Ele erguera o rosto, procurando-a com a vista. Ao ver que ela cumprira a promessa que dias antes lhe fizera de assistir à revista, sorria-lhe com o olhar e saüdara-a com o sabre. Ela atirara-lhe um beijo que Ele aparara nas mãos como um *bouquet*...

Fôra essa a última vez que o vira irradiante de beleza, de juventude e de fôrça.

Quando na primavera, no regresso da sua viagem à Hungria, chegou a Viena, ficou aterrorizada ao ver a terrível alteração que aqueles poucos meses haviam trazido ao seu querido Franz.

Daquele jovem tão alto, tão loiro, tão rosado, que era a viva imagem da mocidade e da beleza no que elas podiam ter de mais encantador e fascinante, restava uma sombra.

O duque de Reichstadt no seu leito de morte
(Desenho executado do natural pelo pintor Joham Ender)

E, durante perto de quatro meses, embora os médicos, em vista da sua próxima maternidade, se tivessem enérgicamente oposto, jamais o abandonara, ministrando-lhe os remédios e embalando-o de esperanças, sem nunca, para que êle não se apercebesse da gravidade do seu estado, deixar cair a máscara de alegre despreocupação que afivelara para o iludir.

E enquanto, a cada ataque de tosse, a cada golfada de sangue de Francisco Carlos o seu coração se retalhava de dor, os seus lábios e os seus olhos heròicamente sorriam...

Longe dêle arrancava a máscara e deixava então expandir todo o desespêro da sua alma.

Diziam todos, na côrte, que o acaso, fazendo coïncidir o nascimento do seu filho com a morte do duque, lhe poupara o suplício de assistir à sua dolorosíssima agonia.

Mas Sofia, ao contrário, achava que suplício bem pior fôra aquele que sofrera amarrada ao seu leito de dor cercada de médicos que, à viva fôrça, se tinham oposto que ela, imediatamente, após o nascimento do príncipe, se erguesse para ir cuidar do seu pobre Franz.

Tivera sempre a impressão de que, enquanto permanecesse ao seu lado, o anjo da morte não ousaria ceifar o fio daquela

Quarto onde morreu o duque de Reichstadt

O imperador Francisco I avô do duque de Reichstadt

vida e que, uma vez ela longe, nada o reteria de consumar a sua obra.

De hora a hora, de minuto a minuto, permanecera deitada nos seus aposentos com o filho nos braços — essa criança, fruto do seu amor, tão ardentemente desejada por ambos — na mais cruel das ansiedades.

Tôdas as vezes que, inesperadamente, a porta do seu quarto se abria, ela, com o coração batendo-lhe doidamente no peito e as pupilas dilatadas pelo terror, soerguia-se no leito esperando a fatal notícia.

A resposta era sempre a mesma: ainda não, mas, infelizmente, não tardará muito...

Mesmo de longe ela vira, ela assistira à dolorosíssima agonia daquele que não queria morrer.

Sim, porque êle amava a vida com o mais entranhado amor, e não queria morrer...

E, como quereria êle morrer, se tudo tinha a esperar da vida e do futuro?

Morrer novo, diziam os antigos, era a felicidade suprema, mas essa máxima aplicava-se sem dúvida, àqueles que morriam em plena felicidade, vendo realizados os seus sonhos e não àqueles que, como Francisco Carlos Napoleão, partiam, tendo apenas conhecido da vida as gélidas e nublosas madrugadas, sem ter visto o sol levantar-se para o meio dia esplêndido que é a hora, verdadeiramente inebriante, do triunfo.

Ele também, mesmo no meio dos cruciantes sofrimentos da sua longa agonia, nem um único instante a esquecera. O seu nome — haviam-lhe dito — a todo o momento voltava aos seus lábios e, três ou quatro vezes por dia, Lambert, o seu criado de quarto, vinha, por sua ordem, informar-se do seu estado e pedir notícias do pequenino arquiduque.

Tinha-os a ambos — via-se bem — no coração.

A Fatalidade, sempre incansável na perseguição do filho do Corso, dir-se-ia que se regozijara, impossibilitando-o de a ver, a ela e ao filho, em lhe infligir o último golpe.

As notícias transmitidas pelo major von Moll, o dedicado amigo e enfermeiro do duque de Reichstadt, eram cada vez mais desanimadoras.

Mas ela obstinava-se ainda em esperar, em pedir ao céu ainda um milagre...

Passaram-se alguns dias.

A 21 de Julho, uma tempestade furiosa, como há muito ninguém se lembrava de ter visto, desencadeara-se em Schoenbrunn, precisamente sôbre o castelo. E um raio despedaçara uma das águias que ornavam a entrada do palácio.

Dir-se-ia que era um aviso do Céu...

A partir dêsse instante, perdera as últimas esperanças e, de olhos fitos na porta, esperara, no meio da maior ansiedade, a notícia do desenlace.

Dois dias depois, na manhã de 23 de Julho de 1832, a porta do quarto abrira-se e a fatal notícia soara:

Estava tudo acabado.

Áquela hora — disseram-lhe — já o seu pobre Franz quási tão belo na morte como na vida, dormia o último sono, tendo no rosto a expressão resignada e tranqüila daqueles a quem os anjos recebem a alma.

Diante dos seus olhos perpassara a visão do seu amado Franz, rígido e frio, no seu uniforme branco.

Num ímpeto irresistível erguera-se do leito, afastando violentamente as damas de honor, e correra para a porta.

Queria ir vê-lo pela última vez.

Mas o abalo havia sido demasiadamente violento. Antes de transpor o limiar dos seus aposentos, as fôrças atraiçoaram-na e caira inanimada.

E, durante dias e dias, devorada por uma febre intensíssima, permanecera entre a vida e a morte, de modo que, quando recuperara a saude já não pudera ver o seu bem-amado Franz.

Francisco Carlos Napoleão, amortalhado no seu uniforme de coronel austríaco — nesse uniforme que a Fatalidade e a injustiça lhe tinham imposto até na morte — repousava para sempre nessa sinistra cripta da igreja dos Capuchinhos, em Viena, que servia de sepulcro aos Habsburgos.

Só restava áqueles que desejavam render-lhe o derradeiro preito da sua afeição ir, numa piedosa romagem, visitar o seu túmulo.

Fôra lá, a essa cripta sombria, onde — sabia-o bem — um dia viria também repousar, juntamente com os outros membros da família imperial. E quando, precedida do velho monge, se detivera ao pé do túmulo, onde jazia para sempre, na fria imobilidade da morte, aquele que ela tanto amara, ao seu espírito acudira a frase que tantas vezes ouvira ao melhor amigo — ao verdadeiro irmão de alma — do morto:

Tu não morreste, Franz, porque a piedade humana há-de eternizar o teu nome!

Volvido o prazo marcado pela etiqueta, a côrte abandonou o luto pela morte do duque de Reichstadt. A princesa Sofia da Baviera despiu, como todos, os trajes negros, mas foi em vão que tornou a envergar os seus lindos vestidos claros.

A sua alma estava de luto e de luto de viuvez, podemos dizer, se conservou o seu rosto para sempre.

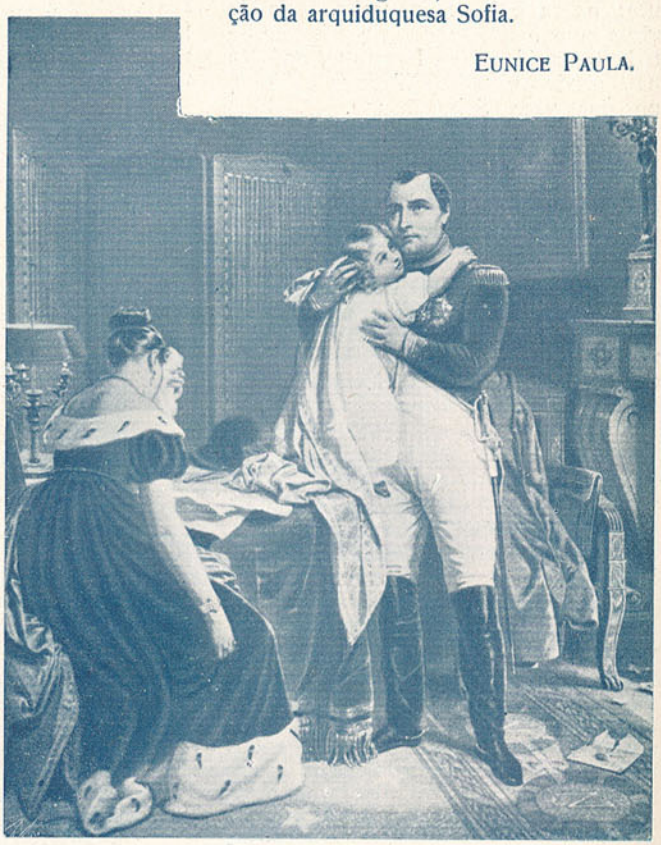
Nunca mais ninguém a viu rir.

Todos a estranharam na côrte, e com razão. Da despreocupada, afectuosa e jovial princesa que era o encanto dos cortezãos vienenses, restava uma mulher moralmente envelhecida, triste, silenciosa, meditabunda, plena de frieza e de azedume — a arquiduquesa Sofia que a política europeia conheceu como mãe do imperador Francisco José.

Tôda a sua alegria, tôda a sua mocidade, tôda a sua doçura e todo o seu encanto haviam desaparecido com a morte do duque de Reichstadt.

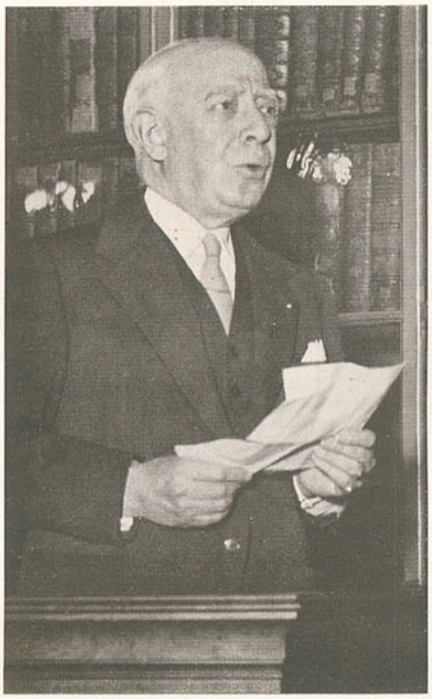
É que no túmulo da cripta dos Capuchinhos jazia, não só o corpo do desventurado "Aiglon", mas também o coração da arquiduquesa Sofia.

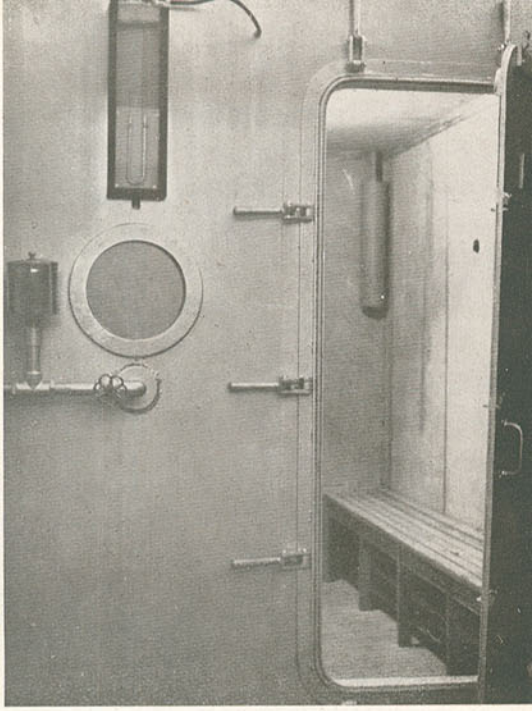
EUNICE PAULA.



Napoleão despedindo-se do seu filho, no momento de partir para o exílio

NOTÍCIAS DA QUINZENA

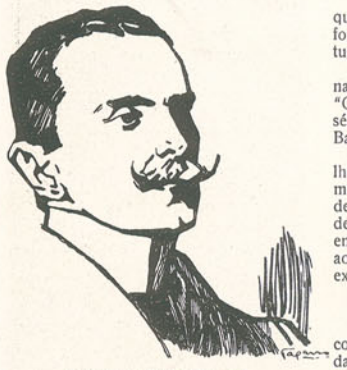




O sr. dr. Augusto de Castro lendo o seu discurso na sessão plenária da Academia das Ciências de Lisboa em que foi lida a mensagem de Federzoni, presidente da Real Academia de Itália. — O sr. dr. Alberto de Oliveira lendo poesias suas na mesma sessão. — *A' direita, em cima:* Um aspecto da nova «câmara pneumática» inventada pelo dr. Luiz Simões Ferreira para o tratamento da tuberculose pulmonar, substituindo com vantagem a terapêutica dos sanatórios de altitude

A mesa que presidiu à sessão plenária da Academia das Ciências para conhecimento da mensagem de Federzoni, presidente da Academia Real de Itália. Presidiu o sr. dr. Júlio Dantas tendo à sua direita os srs. Ministro da Itália e Joaquim Leitão, e à sua esquerda os srs. drs. Caeiro da Mata e D. António Pereira Forjaz. Usaram da palavra o sr. dr. Júlio Dantas que proferiu uma brilhante alocução, deixando, em seguinda, aos srs. drs. Augusto de Castro e Alberto de Oliveira, antigos ministros de Portugal junto do Quirinal, o «encargo de saüdar nas pessoas eminentes do presidente Federzoni e do sr. Ministro de Itália, a grande nação que, restituída aos seus destinos imperiais, envolta de novo no esplendor augusto da «romanidade», é, neste momento, uma das potências condutoras da política do Mundo»

O sr. Presidente da República e membros do Govêrno assistindo à sessão solene da comemoração do 136.º aniversário do Colégio Militar. — *A' direita:* Missa por alma dos alunos daquele modelar estabelecimento, já falecidos



Abel Botelho — desenho de Tagarro

O exímio gravador em madeira Caetano Alberto, não sendo um jornalista na verdadeira acepção da palavra, possuia uma invulgar intuição jornalistica. Depois de criar uma verdadeira escola de gravadores em madeira, sobressaindo João Pedroso e Diogo Neto, fundou em 1778 a revista "O Occidente", que, volvidos dois anos, conseguiu elevar á categoria duma publicação de primeira ordem.

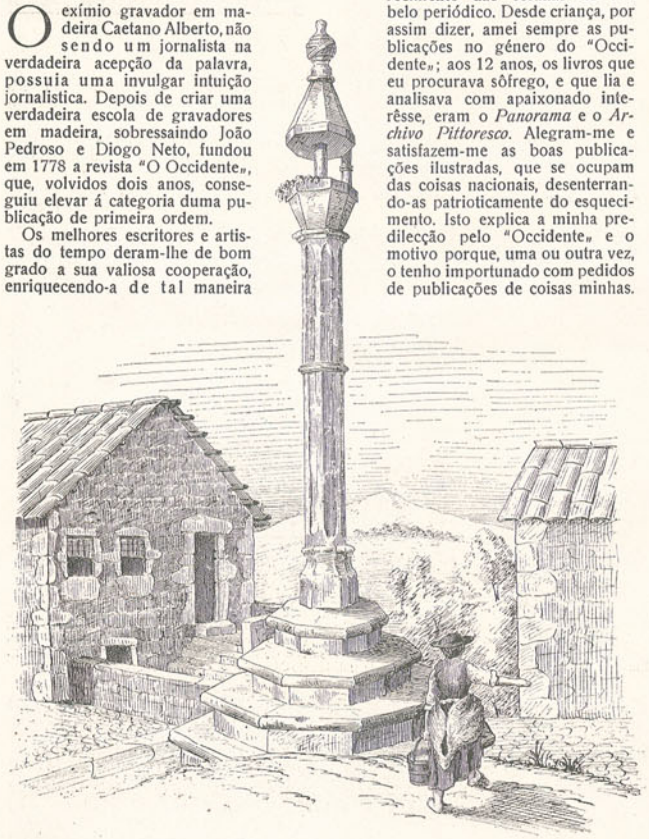
Os melhores escritores e artistas do tempo deram-lhe de bom grado a sua valiosa cooperação, enriquecendo-a de tal maneira que ainda hoje constitue uma preciosa fonte de informações para a história portuguesa contemporânea...

Abel Acácio, decidida vocação de jornalista, iniciara a sua colaboração no "Occidente" em 1880, publicando uma série de artigos sôbre os "Arquitectos da Batalha e dos Jerónimos".

Mas a carreira militar, que não escolhera, afastara-o, por essa altura, para Lamego, donde desejava, desse por onde desse, continuar a escrever para a revista de Caetano Alberto. A carta que escreve, em 17 de Novembro de 1880, de Lamego ao director do "Occidente" é bastante expressiva a tal respeito:

"Ill.mo Amigo e Sr.

"Compreendi as razões que se dignou comunicar-me, para justificar a recusa da publicação das minhas modestíssimas quadras; agradeço-lhas, bem como o oferecimento das colunas do seu belo periódico. Desde criança, por assim dizer, amei sempre as publicações no género do "Occidente"; aos 12 anos, os livros que eu procurava sôfrego, e que lia e analisava com apaixonado interêsse, eram o *Panorama* e o *Archivo Pittoresco*. Alegram-me e satisfazem-me as boas publicações ilustradas, que se ocupam das coisas nacionais, desenterrando-as patrioticamente do esquecimento. Isto explica a minha predilecção pelo "Occidente" e o motivo porque, uma ou outra vez, o tenho importunado com pedidos de publicações de coisas minhas.



Pelourinho de Aguiar da Beira, desenho do natural

Desenho de Abel Botelho

PENA, LÁPIS

ABEL BOTELHO —

Como colaborou na revista "O Occidente"

"Interessam-me altamente a prosperidade do "Occidente", a sua vitalidade, a sua duração; por isso li com bons olhos a notícia da publicação dos 36 números anuais; e apenas me parece que deve continuar a causar sérios embaraços a restrição limitadíssima das quatro páginas do texto. Se, por um lado, assim não ha necessidade de, por falta de bom assunto, encher o periódico de bagatelas literárias; também, por outro, vão ficando por terminar, de volume para volume, e á míngua de espaço, artigos de importância histórica, como: *Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha* e de vulgarisação científica como o de H. Macedo sôbre o Sol. Este sobre tudo é realmente pena ficar truncado, seja por que causa fôr. O número de 15 de Novembro trás umas gravuras realmente nítidas, e em que já se não nota o defeito de contínuas falhas de tinta, que eu talvez erradamente já atribuí á adaptação pouco perfeita das chapas da gravura á prensa.

"O gravador Pedroso, que não conheço, grava realmente bem; com precisão, sem dureza, e com uma clara distinção nos tons. Uma pergunta: porque não dá em gravura algumas salas, ou a estufa, ou o observatório da Escola Polytéchnica?... Tudo isto é hoje notável.

"Até Dezembro, que tenciono ir a Lisboa; e perdôe-me esta pretensiosa massada epistolar, que o sr. não provocou, nem authorizou sequer.

De V. S.a am.o e creado mt.o obrig.o

Abel Acácio."

O entusiasta colaborador da revista "O Occidente" que assina simplesmente Abel Acácio, tinha evidentemente uma notável bossa para jornalista investigador. A sua paixão pelo passado é evidente. Indeciso como todos os que principiam na ingrata e inglória carreira das letras, ninguem dizia que nas colunas da velha revista se estava formando um dos mais belos prosadores contemporâneos.

A morte prematura do pai afastara-o dos bancos da Universidade de Coimbra para o atirar para o Colégio Militar, onde entre prémios e distinções iniciou a sua carreira militar, de que veio a ser um dos mais distintos oficiais do Estado Maior. A caserna, porém, não conseguiu apagar-lhe no cérebro a chama do talento literário que cultivava sem desfalecimentos. A sua produção fecunda espalha-se pelas revistas e periódicos do tempo e a sua lira inspirada desferia por vezes acordes dum timbre suavíssimo.

Artista consumado, quer escrevendo, quer desenhando, punha estes dons admiráveis ao serviço da imprensa, embora daí não obtivesse nenhumas compensações materiais.

As manobras do verão de 1882 realizam-se na Beira. Como oficial do Estado

Abel Botelho — retrato por Columbano

Maior, Abel Acácio tem que acompanhar os trabalhos de campo oficiais.

Próximo de Arouca, surgiu-lhe imediatamente a ideia de se ocupar do antigo mosteiro das freiras da ordem de Cister, monumento notável pelas suas tradições e arquitectura. Solícito, numa breve pausa dos deveres militares, foi de longada até á linda vila e escreveu para "O Occidente" um interessante artigo que ilustrou com um primoroso desenho de que damos a reprodução do original.

Nesta altura, o rei e a rainha resolvem visitar a Beira para assistir ás manobras do exército. Abel Acácio alvitra imediatamente a Caetano Alberto uma pormenorisada reportagem dessa visita régia e oferece-se para a relatar pela pena e pelo lápis aos leitores de "O Occidente".

Nos intervalos da labuta militar não está ocioso. Deseja ardentemente que o "Occidente" se torne uma revista apreciada. O seu lápis admirável recolhe tudo o que lhe parece de interesse para a revista de Caetano Alberto. De Aguiar da Beira remete-lhe o desenho do pelourinho que faz acompanhar com as seguintes palavras: "apanhei-lhe um pelourinho curioso para a colecção".

* * *

Mas afinal quem vem a ser êste jornalista amador que assina apenas Abel Acácio? Abel Botelho que se tornou, com o andar do tempo, uma das primeiras figuras literárias da sua geração. De começo colaborador anónimo de jornais, a breve trecho a sua produção fecunda desperta vivo interêsse entre os seus contemporâneos. Primeiro no *Diário da Manhã* com uma série primorosa de contos que mais tarde apareceram em volume intitulado "Mulheres da Beira". Depois nas *Novidades*, no *Correio Português*, no *Portugal* e no *Repórter*, e por fim no *Dia* em que se afirmou o escritor moderno, independente e duma vernaculidade impecável. Cultiva todos os géneros com rara mestria.

Tenta-o o teatro, estreiando-se com a comédia "Jucunda" e depois com "Vencidos da vida", de sucesso enorme, mas que a autoridade se apressou a proíbir sob o pretexto de ser ofensiva á moral pública.

E assim caminha triunfante, publicando ainda outras peças de grande fôlego que lhe mereceram uma verdadeira consagração.

Em 1891, Abel Botelho era já um grande escritor. Foi nesse ano que deu à publicidade o livro mais valioso da sua vasta bibliografia: *O Barão de Lavos*, cuja 1.a edição se esgotou em quinze dias.

Seguiram-se-lhe outros volumes sob a rubrica, como o primeiro, de estudos patológicos. Conta-se um facto que marca evidentemente a consagração de Abel Botelho como romancista. Uma senhora lisboeta, D. Teodolinda Elisa Vieira, que nunca vira Abel Botelho, conhecendo-o apenas através dos seus livros, que anotava carinhosamente, nomeia-o, por sua morte, herdeiro universal de todos os seus bens.

Abel Botelho

Finalmente a implantação da República vem paralisar-lhe a sua actividade literária.

O Govêrno Provisório nomeia-o ministro de Portugal em Buenos Aires e aí acaba os seus dias o cintilante prosador, a quem o jornalismo tanto deve.

ANGELO PEREIRA

Arouca — A igreja matriz

Desenho de Abel Botelho

A ACLAMAÇÃO DO NOVO PAPA

SUA SANTIDADE PIO XII

A eleição do novo Papa constituiu um grande acontecimento mundial, não só nos países católicos, como naqueles que seguem uma religião diferente. Todos os povos seguiam com o maior interêsse e ansiedade a acção de Pio XI que se manifestou sempre o verdadeiro Vigário de Cristo sôbre a Terra, aconselhando a paz e a concórdia. Compreende-se o interêsse que havia em ver quem seria o sucessor dêste sábio e humanitário pontífice.

Nas gravuras que publicamos nesta página, vêmos em cima e à esquerda: O cardial O'Connell, arcebispo de Boston, dirigindo-se do hotel em Roma, onde se hospedara, para o Vaticano, a fim de tomar parte no Conclave.

Ao centro: Um grupo de fotografos americanos assestando um aparelho de fotografar a grande distância, à cupula da Capela Sixtina, onde se encontrava reünido o Conclave.

Em baixo: A multidão de fieis aguardando na Praça de S. Pedro o momento de poder entrar na Basílica onde se encontrava exposto o cadaver de Pio XI.

O novo Pontífice que a multidão romana aclamou delirantemente e no qual todo o Mundo tem os olhos postos, porque nele encontra o mais sólido esteio da Paz Universal. Pio XII, além dum pastor de almas, é um hábil político. Nem mesmo podia deixar de o ser, a bem do mundo católico. O pastor deve conhecer as investidas do lobo para livrar mais fàcilmente as suas ovelhas. E o novo Pontífice reüne todas essas qualidades. Portanto, a essa multidão que o aclamou na Praça de S. Pedro, após a benção "Urbis et Orbis", há a juntar os muitos milhões de almas que de todas as partes do Mundo o aclamaram em espírito.

Afinal, ao cabo duma curta ansiedade, pois a eleição realizou-se ao terceiro escrutínio, a chaminé da capela Sixtina mostrou a desejada *sfumata* que anunciava ter sido escolhido o sucessor do saudoso Pio XI. Fôra escolhido o cardial Pacelli que declarou seguir a orientação do seu antecessor e passando, por isso mesmo, a adoptar o nome de Pio XII. A multidão recebeu a notícia entre brados de alegria, compreendendo que no novo pontífice teria um grande defensor da paz, que todo o mundo deseja numa ambição suprema.

Em cima, à direita: A multidão aglomerada na Praça de S. Pedro, aclama o novo Papa Pio XII que da varanda central da Basílica lança a benção "Urbis et Orbis".

Ao centro: Os cardiais Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro e o cardial Copello, arcebispo de Buenos Aires chegando à estação do terminus, onde eram aguardados por uma grande multidão de admiradores.

Em baixo: A multidão aclamando o Papa após a tradicional benção "Urbis et Orbis".

Eça de Queiroz

ESTAVA Eça de Queiroz escrevendo *O Primo Bazilio*, quando iniciou a publicação, n'*A Actualidade*, duma série de crónicas, que projectava expedir para o Porto quinzenalmente. São as *Cartas de Londres*, que foram engeitadas por sua família, como não merecendo ser reünidas em volume.

Sê-lo-ão. Aqui solenemente o prometo aos admiradores de Eça de Queiroz. Desde que garanta aos seus herdeiros os direitos de autor, nada pode temer qualquer editor que venha a salvá-las do esquecimento a que foram iniquamente condenadas.

Essas crónicas — é certo que as anima um sôpro profundo de democracia, por vezes mesmo de exaltação republicana; essas crónicas, sem dúvida, são, no ponto de vista religioso, dum livre pensador, decididamente anti-clerical...

Foram engeitadas por isso?

Mas, então, a família de Eça de Queiroz teria de fazer cessar as tiragens de todos os seus livros, porque até nos últimos que mandou imprimir — *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras* se encontra matéria condenável para a ortodoxia monárquica e católica.

Mais de uma vez tive ocasião de dizer: — o que, já hoje, interessa em Eça de Queiroz não são pròpriamente as suas opiniões políticas e religiosas, mas sim o Artista. O que nos prende, lendo essas crónicas, não é encontrarmos nelas opiniões que nos agradem, mas sim vermos como as exprime.

E defendo que as *Cartas de Londres* não são menos interessantes que as *Cartas de Inglaterra*: estas são, aliás, a continuação daquelas — o mesmo molde, plano, tessitura — na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Não há direito de as excluir das *Obras Completas* de Eça de Queiroz; não ha.

Era a opinião de Sampaio Bruno, de Teófilo Braga, de Guerra Junqueiro, de Ramalho Ortigão...

Foram já publicadas na *Ilustração* três dessas *Cartas;* causaram a todos que as leram a mais viva impressão de apreço, e a homens de letras, dos maiores da nossa terra, ouvi formular o desejo de que todas se reunissem em volume: — nêle ficariam algumas das mais belas páginas do grande esteta. Nem deve esquecer-se que com elas Eça criaou, entre nós, um novo género literário.

E agora medite-se: — o motivo alegado para a excomunhão das *Cartas de Londres* foi o que deslustrariam o nome do seu autor, pela sua inferioridade; e, logo a seguir, rebuscaram-se todos os fundos de gaveta do falecido escritor — todos os trabalhos incompletos, ou simplesmente esboçados, ou postos de lado, como incapazes de afrontar a publicidade (êsses, sim, verdadeiramente engeitados por quem os escrevera) e atiraram-se assim á luz seis novos volumes!

Quem tal fez ou tal consentiu — terá autoridade para proïbir a publicação em volume das *Cartas de Londres?*

É claro que eu não me refiro á família de Eça de Queiroz senão simbólicamente: eu não posso crer, em definitiva, que o repúdio duma parte, de tão fundo interesse, da sua obra seja resultante duma decisão, nem da ilustre Senhora que foi sua devotadissima Esposa, nem de seu filho José, tão profundamente, tão enternecidamente admirador de seu Pai, nem ainda de seu filho António, que é, êle próprio, um romancista, e ainda menos de sua filha.

Aqui há um equívoco, que merece atenção. Peza-me não poder esclarecê-lo.

* * *

São quinze as *Cartas de Londres*, e foram publicadas desde Abril de 1877 a Maio de 1878, n'*A Actualidade*, do Porto, dirigida por Anselmo de Morais.

A única colecção d'*A Actualidade* existente encontra-se na Biblioteca Municipal do Porto.

As *Cartas* de Eça fôram mandadas copiar em 1905 pelos editores Lelo & Irmão, sob os cuidados de Sampaio Bruno, que as identificou.

Quando, em 1909, fui ao Pôrto, propositalmente para as ver na colecção da Biblioteca, o estado dessa colecção era já ruinoso: o papel do jornal quebrava-se, esfarelava-se: é possível que a esta hora a colaboração de Eça esteja inutilisada.

Felizmente há hoje uma cópia integral em bôas mãos — as minhas mãos amigas.

E se não houvesse?

É possível que a cópia de Lelo & Irmão haja já desaparecido; — desde que lhes foi impossível aproveitarem-se dela editorialmente, só por devoção de cultura artística a conservariam.

Ah! no dia em que eu reünir em volume as *Cartas de Londres* — salvaguardando, repito, os direitos de autor — se intentarem contra mim um processo, que orgulho hei-de ter em ser, por tal motivo, levado aos tribunais!

Imaginem-no os admiradores, os filhos espirituais de Eça de Queiroz, os que o amam e honram a sua memória, aqueles que, no meio das suas diárias ocupações, por mais prementes que sejam, encontram sempre tempo para não lhes passar desapercebido tudo o que sôbre êle se escreve, e não ficam indiferentes às acusações de *chantage* com que se pretendemacular a sua nobilissíma vida...

* * *

Qualquer dêstes dias, hei-de referir-me, mais de espaço — se Deus quizer — ás *Cartas de Londres*, sumarisando os assuntos nelas tratados.

Agora só escrevi estas linhas para servirem de introdução à *Carta* de 28 de Março de 1878, que vai publicada, em apropósito, sob a designação — *Como a Inglaterra opõe o seu veto aos triunfadores.*

Trata-se da guerra entre a Rússia e a Turquia, declarada pela primeira potência à segunda a 23 de Abril de 1877. Os russos, acabando por vencer, dispunham-se a esmagar completamente os seus adversários, varrendo-os da Europa. A Inglaterra assistiu, impaciente, à terrível luta, e não lhe convindo todavia intervir — não deixando mesmo que outros interviessem — teve bastante domínio sôbre si, para esperar que os canhões deixassem de troar na Europa e na Ásia.

E então começou a falar a sua diplomacia, apoiada, não só na dialectica do direito internacional, mas também no seu material de guerra que, entretanto mobilisando os seus milhões de libras, reforçara ameaçadoramente.

Foi já sob esta pressão que se realisou o Tratado de San-Stefano, assinado sob os muros de Constantinopla, a 3 de Março de 1878.

Na *Carta* que, a seguir, se transcreve, Eça de Queiroz dá apenas um aspécto da luta diplomática que a Inglaterra intentou, e que veio a terminar no Congresso de Berlim, inaugurado sob a presidência de Bismark, a 13 de Junho.

Não se formou então o Império helénico sonhado por Eça, mas a Grécia não deixou de obter uma bem favorável rectificação de fronteiras, base da sua futura grandeza.

E a Inglaterra celebrou com a Turquia uma aliança defensiva, entregando-lhe esta a ilha de Chipre, donde melhor a fôrça britânica podia salvaguardar as possessões otomanas da Ásia...

Quanto à Russia, pode dizer-se que verdadeiramente ganhou a guerra? Só a ganhou até onde a Inglaterra lh'o consentiu...

LOPES DE OLIVEIRA.

Londres, 28 de Março de 1878.

Lord Derby, e com êle toda a Inglaterra, acaba de fazer uma descoberta imensa: Lord Derby descobriu a Grécia.

Excerpto de uma "Carta de Londres" de Eça de Queiroz

Como a Inglaterra opõe o seu veto aos triunfadores

Desde a renovação da questão do Oriente, há dois anos, a Grécia por um acôrdo tácito das potências, e com grande alegria da Rússia, tinha sido mantida, numa imobilidade obrigatória, nos últimos planos, sem que ninguém parecesse reconhecer a justiça dos seus direitos, ou pensar na utilidade da sua intervenção. Todas as províncias sujeitas á Porta e todos os Estados tributários tinham sido autorizados ou chamados a cooperar, pela insurreição ou pela guerra aberta, na destruição do poder otomano. A Rússia tinha ajudado a Sérvia, animado e lisonjeado o Montenegro, e especialmente apelado para a Roménia: todos estes principados cristãos deviam naturalmente, em justificação do seu patriotismo e em demonstração da sua fé, ajudar a grande cruzada da libertação dos cristãos empreendida pelo czar. Acontece, porém que a Grécia tinha províncias suas, pela religião e pela raça, sôb o domínio turco, e ninguém parecia desejar que ela tentasse pelos seus correligionários o que estavam tentando os principados. E, todavia, o Epiro, a Tessália, a Macedónia são províncias gregas e cristãs que a Porta explora e tiraniza, como a Bulgária ou como a Bósnia.

Para libertar as suas populações, em condições idênticas, a Sérvia, o Montenegro, a Roménia tinham tomado as armas com admiração da Europa, e apenas alguns vagos protestos platónicos rosnados em surdina pela Austria. Mas apenas a Grécia manifestou o desejo de libertar as suas províncias, os protestos vieram de todas as partes, muito precisos, muito impacientes: a Rússia ficou indignada, a Austria descontente, a Inglaterra nervosa.

Ás primeiras veleidades belicosas do ministério de Atenas, todos os representantes das potências, com uma rara uniformidade, correram a impôr-lhe uma inacção forçada. Quando o govêrno grego, arrastado pela pressão iniludível do sentimento popular, fez mobilizar o seu pequeno exército, as grandes potências ameaçaram-no claramente de o deixar expôsto às vinganças da Porta, e de não impedir o bombardeamento do Pireu pela esquadra de Hobbart-pachá. Quando, num momento de impulso patriótico, o govêrno grego, indiferente ás advertência da Europa, ou não as julgando sinceras, e apenas *pró-forma*, fez avançar tropas na Tessália, as potências obrigaram-no, quási sôb pressão dum *ultimatum*, a fazer retroceder o exército e a dar explicações ao sultão. A Grécia roeu o seu freio, e limitou-se a manter na Tessália e no Épiro uma pequena insurreição inflamatória, para não deixar morrer o fogo patriótico, e para dar ocupação aos temperamentos mais exaltados.

Mal sabia a Grécia, tão descontente então, que estava nas vésperas de ser chamada pela Inglaterra a representar um grande papel na questão do Oriente; ou, se o sabia, com a sua finura habitual, esperava, fazendo um rosto triste que iludiu os mais astutos, a ocorrência gloriosa. Ela não tardou a aparecer, sôb a forma da proposta de Lord Derby para que a Grécia fôsse admitida ao Congresso.

É esta, sem dúvida, a única inspiração luminosa que tem tido Lord Derby na sua grande campanha diplomática. Opôr ao panslavismo o helenismo é sem dúvida um belo pensamento, e a oposição impaciente, quási rancorosa, que a Rússia fez á proposta inglesa, mostra, só por si, como ela julgou a grande obra eslava profundamente ameaçada, pela aparição em cêna deste novo factor — a Grécia.

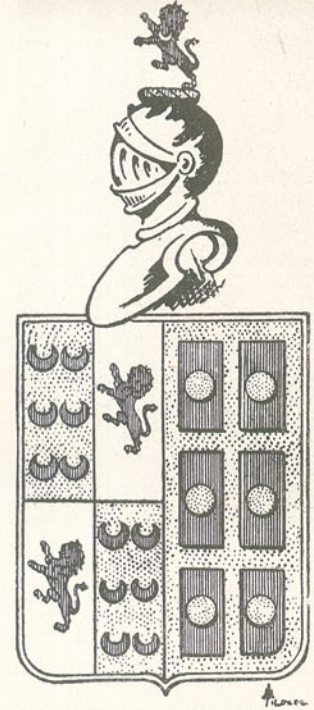
Lord Derby jogou uma brilhante carta: fazer entrar a Grécia no Congresso, mesmo sem voto, era, *ipso facto*, levantar no Congresso a questão grega: a Rússia, mesmo a seu pesar, não poderia opôr-se a que a sua obra de libertação fôsse completada, restituindo-se á Grécia a Macedónia, a Tessália e o Épiro, Creta, etc. Quem se bateu para libertar os cristãos da Bulgária, não pode opôr-se a que se libertem os cristãos das outras províncias.

Com estes novos territórios tão férteis, a Grécia ganha uma força inesperada e torna-se uma potência forte.

Os cristãos do ex-império turco vêm-se assim colocados entre a influência de dois países da sua religião: mas um, a Rússia, despótico e opressivo — outro, a Grécia, constitucional e liberal; um puramente militar, outro exclusivamente comercial; um pensando em conquistar, o outro em enriquecer. E naturalmente as simpatias dos cristãos irão para a Grécia: esta anexação moral de simpatias transformar-se-á mais tarde em anexação material dos territórios. A Bulgária penderia fatalmente para a Grécia. Que daqui a anos reapareça a questão do Oriente, sôb a forma mais resumida e mais directa de saber a quem em definitivo deve pertencer Constantinopla — e apresenta-se uma solução natural, pacífica, que é não deixar Constantinopla nem aos russos nem aos ingleses, e dá-la simplesmente aos gregos, seus donos por direito histórico. E aqui temos um forte império helénico, fazendo barreira às tendências invasoras do império eslavo.

Esta solução não poderia levantar oposição no povo russo, porque o seu interêsse na questão do Oriente é todo de religião; e que maior satisfação que ver os gregos em Constantinopla, e Santa Sofia, catedral do rito grego? O povo na Rússia, não é panslavista; o panslavismo é um fanatismo puramente militar do estado-maior e de alguns oficiais exaltados: o povo, o que deseja é mais pão, menos tributo, uma Constituição talvez (e isto os mais ilustrados) e que os seus correligionários não estejam sôb o domínio odiado do turco. Que a cruz grega volte a dominar nas mesquitas de Constantinopla, e tôdas as aspirações do povo russo, em matéria de política externa, estão completamente realizadas.

Por seu lado, a Austria, felicita-se de vêr junto ás suas fronteiras um reino helénico: as suas províncias eslavas não



Armas da família de Eça de Queiroz. Escudo partido em pala: na 1.ª Queirozes; 2.ª Almeidas

correm risco de tender então a unir-se ao império eslavo — o que seria inevitável, se em logar dos gregos fôssem os russos que viessem estabelecer-se junto dela. A Hungria, para quem o ódio do panslavismo é uma tradição sagrada, veria com prazer os gregos em Constantinopla. A Alemanha não poderia opôr-se a uma combinação que impede a Rússia, sua aliada presente e sua inimiga provável, de se estender até ao Mediterrâneo. As potências ocidentais regosijar-se-iam de vêr dominar nos Dardanelos uma nação comercial, que não impediria, como a Rússia, o tráfico do Mar Negro, antes o facilitaria. E a Inglaterra, tendo feito o império helénico, obtinha o resultado mais agradável e mais seguro: — não podendo ela mesma estabelecer-se nos Dardanelos, colocar lá uma potência amiga e aliada, sua própria obra, governada por uma imitação da sua Constituição, reconhecida ao benfeitor, fàcilmente dominável no caso de ingratidão, sem ambições na Índia nem interêsses no canal de Suez, e que seria no Oriente uma espécie de seu mordomo.

A oposição, portanto, só pode vir do czar, da côrte ou do partido militar na Rússia. Para êsses, o estabelecimento dum império grego é a destruição das suas ambições, do seu ideal político e histórico, do que êles chamam a sua *missão;* seria, além disso, uma diminuição considerável na autoridade do czar; hoje o imperador é papa; mas que amanhã o patriarca do rito grego se estabeleça em

A rainha Vitória visita Lord Beasconfield

Constantinopla, em breve o povo mesmo o reconhecerá como seu chefe espiritual.

Portanto, o czar vai opôr-se à entrada da Grécia no Congresso com tôdas as suas obstinações, tôdas as manhas, todos os equívocos, todos os subterfúgios que constituem a perigosa ciência dos diplomatas russos; se assim não obtiver o seu fim, embrulhará a questão, de modo que o Congresso se não reúna; e, em último caso, apelará para as armas, porque prefere uma nova guerra, mesmo no estado de fraqueza e de pobreza das finanças, a consentir que se agite sequer a questão do império helénico. Por isso, eu penso que a resposta de Lord Derby, hábil, nacional, útil, é, o meio de apressar a crise e de trazer a Inglaterra e a Rússia a um conflito; e ainda que se dêem outras razões de rompimento, no fundo, se a Rússia tira de novo a espada, um dos seus fins será impedir uma extensão de território da Grécia, núcleo e base de um império helénico.

Mas reünir-se-á êsse famoso Congresso? As probabilidades diminuem, dia a dia; o que o adia hoje, e que talvez o impeça mais tarde, é, aparentemente, uma simples questão de forma; a Inglaterra pretende que o Congresso tenha direito a discutir todos os artigos do tratado de paz russo-turco. A Rússia recusa esta larga liberdade de discussão. Para facilitar uma conciliação, a Inglaterra pede, ao menos, que a Rússia declare que todos os artigos do tratado estarão sujeitos a discussão, ainda que pràticamente se estabeleça que alguns não serão discutidos; a Rússia recusa-se a fazer mesmo esta declaração. Em tais condições, a Inglaterra não vai ao Congresso. As razões de Lord Derby são obvias: se os três imperadores estão de acôrdo, se a Áustria e a Alemanha estão decididas a aprovar o tratado, se o voto da Itália pertence, como é provável, igualmente à Rússia, o que iria a Inglaterra fazer ao Congresso? Pôr a sua assinatura num documento que fere os seus interêsses? Fazer um simples protesto platónico, que seria como a confirmação pública da sua fraqueza e do seu isolamento? Mais vale, portanto, não ir ao Congresso, e tomar medidas decisivas para que, sejam quais fôrem as circunstâncias do futuro, os dois grandes interêsses britânicos na Turquia europeia, Constantinopla e Galipoli, sejam conservados intactos e inatacados.

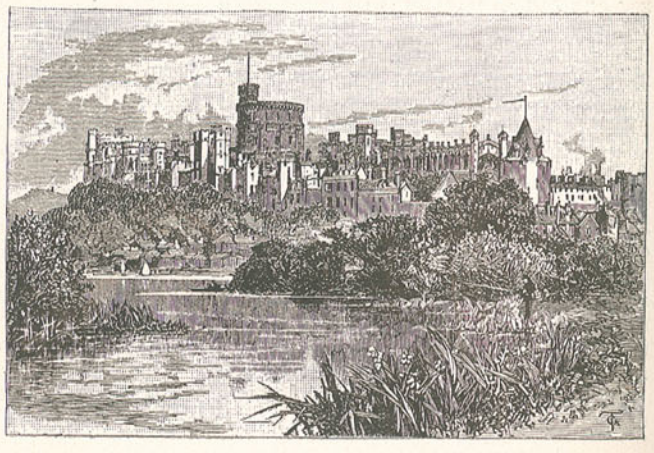
Nestas recusas sucessivas da Rússia a tôda a conciliação, vê-se bem a intenção que a domina: é impedir a reünião do Congresso, com receio de que além das objecções ao tratado, apareça a terrível questão helenica sob a protecção da Inglaterra. E da parte da Inglaterra todo o esfôrço é fazer introduzir esta questão no Congresso. A Grécia é, penso, neste momento um pômo de discórdia. E a questão do Oriente toma enfim uma fase mais clara e mais definida: em substituïção ao império turco a Inglaterra quere o estabelecimento dum império grego, que seja uma barreira histórico-militar contra a Rússia; a Rússia opõe-se com todas as suas fôrças a esta solução, ajudada pelos dois imperadores seus aliados, que são movidos por simpatia, côrte a côrte, em desprêso dos seus verdadeiros interêsses nacionais.

A rainha Vitória

Mas que fazem as outras duas grandes potências? A Itália hesita, a França cala-se. Se estas duas nações latinas se decidissem a ajudar a ideia inglesa, teriamos assim duas formidáveis coalisões em face uma da outra: dum lado a Rússia, a Alemanha, a Austria, espécie de Santa Aliança dos três Imperadores autocráticos; doutro, a Inglaterra, a França, a Itália, os três Estados livres e democráticos; o Oriente contra o Ocidente: o Ocidentequerendo o império helénico em substituïção do turco, e o Oriente querendo a partilha do império turco, entre si, sendo a maior parte destinada a formar uma dependência moscovita. Não é improvável que a questão do Oriente, num certo tempo, tome estas formidáveis e dramáticas proporções.

Mas serão os gregos gente para constituir e formar um império? Até agora os gregos tem sido os mais absurdos políticos da Europa: o governo de Atenas é uma fôrça que About pintou, com muito espírito e muita verdade, como uma das grandes bambochatas constitucionais do século. As suas finanças são deploráveis. A sua administração uma balbúrdia.

Mas a isto pode-se dizer que aos gregos tem faltado uma oportunidade de revelar as suas qualidades industriosas, sagazes, activas, expansivas. O território que possuem é o mais árido e o mais estéril da Europa. Sem agricultura e sem indústria, as fôrças vitais emigram, e vão levar a outras terras a sua perseverança e a sua habilidade. Os gregos mais ricos, a alta burguesia grega que tem o capital e a iniciativa, não está na Grécia, está em Londres, em Berlim, em Viena, em Francfort, em Constantinopla, em S. Petersburgo e em Paris. Dê-se-lhe um território fértil, uma cidade como Constantinopla que seja um grande *entre-port* de comércio, minas a explorar, uma frota de transporte, e não há dúvida de que a habilidade comercial do grego, a mais fina raça do Levante, poderia constituir uma nação próspera. A política, a administração, as finanças não seriam, como agora, governadas pelos intrigantes de Atenas, mas pelas verdadeiras capacidades gregas que, neste momento, estão espalhadas pela Europa, à testa de grandes firmas comerciais e industriais. E, lentamente, a experiência da própria fôrça, a responsabilidade de governar uma grande extensão de território, uma comunicação mais directa com a civilização ocidental, a necessidade de se organizar para se fortalecer, daria ao povo grego aquela seriedade política e aquela ciência social, que fazem os países prósperos.....



Castelo de Windsor

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Casino Estoril

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e da colónia inglesa, actualmente passando o verão na Costa do Sol, que sob a presidência de Lady Selby, espôsa de Sir Walford Harmond Montagne Selby, ilustre Embaixador de Inglaterra, em Portugal, levou a efeito no salão do restaurante do Casino Estoril, na tarde do dia 16 de Fevereiro último, uma interessante festa de caridade, a favor de várias obras de beneficência do Estoril, recebemos com o pedido de publicação o resumo das contas da mesma festa.

Receita bruta: 10.119$80. *Despesa:* 3.317$00. *Receita líquida:* 6.802$80.

Diplomatas

Decorreu brilhantemente o «chá» que a senhora de Araujo Jorge, espôsa do sr. dr. Artur Guimarãis de Araujo Jorge, ilustre Embaixador do Brasil, em Portugal, ofereceu nos magníficos salões da nova sede do Clube Brasileiro, na rua Vítor Cordon.

Além de animada conversação, fizeram várias partidas de «mah-jong» e de «bridge», sendo pelas 18 horas servido um finíssimo «chá».

O aspecto dos salões do Clube Brasileiro, nessa tarde era verdadeiramente encantador, recordando-nos ter ali visto entre outras as seguintes senhoras:

Senhora de Francisco de Arce y Pillon, marquesa de Claramunt, condessa de Castelo Mendo, condessa de Santar, condessa de Alpedinha e de Vila Flor, D. Júlia Cardoso de Castilho Santos Silva, D. Amélia Rojão Caiola Bastos, D. Maria da Madre de Deus de Melo e Castro Meleiro de Sousa, D. Maria Carlota de Sommer Viana Soares Franco, D. Maria Rita de Carvalho Daun o Lorena de Calheiros e Menezes, D. Maria de Carmo da Câmara de Noronha Husum, D. Maria Tereza Pressler Lino, D. Maria Eugénia Correia de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Bruges de Oliveira, D. Maud Cohen Fevereiro, D. Maria Homem de Melo, D. Maria de Almeida, D. Rita Thompson Flores, etc., etc.

Casamentos

Na capela da Quinta do Bom Jardim, em Belas, antigo solar dos nobres Marqueses de Borba, actual residência de sua neta a sr.ª D. Luiza de Sousa Coutinho Empis e do sr. Raul Empis, celebrou-se presidido pelo reverendo Dr. Augusto de Araujo, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sua gentil filha D. Rita, com o sr. Domingos Figueira Freire da Câmara de Castro Constâncio, filho mais velho da sr.ª D. Maria das Dores Figueira Freire da Câmara de Castro Constâncio e do sr. Henrique de Castro Constâncio, já falecido. Foram madrinhas as sr.as D. Ludgera Empis, avó paterna da noiva e D. Beatriz Figueira Freire da Câmara tia materna do noivo, e padrinhos os srs. Marquez de Valença, tio paterno da noiva e D. Fernando Pereira Coutinho (Soidos), tio paterno do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa do solar, um finíssimo lanche. Os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, seguiram para a sua quinta em Santarém, onde fixam residência.

— Com extraordinário brilhantismo celebrou-se na capela da Quinta dos Lagos, em Sintra, que se encontrava artisticamente ornamentada com giestas e avenca e grande profusão de luzes, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Gilman, gentil filha da sr.ª D. Irene de Sousa Gilman e do sr. William Alexander Gilman, pro-consul britânico, com o sr. Karl Willelm Andersen, filho da sr.ª D. Maria Josefina da Bandeira de Vasconcelos de Abreu Andersen e do sr. Karl Andersen, ilustre consul geral da Estónia, em Lisboa. Foram madrinhas as sr.as D. Adelaide de Sousa e D. Eulália de Sousa, respectivamente avó e tia da noiva, e padrinhos os srs. Vitor Pires da Bandeira de Vasconcelos de Abreu e Fernando Pires da Bandeira de Lima, respectivamente tio e primo do noivo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Acabada a cerimónia, foi servido no salão do palacete da Quinta dos Lagos, residência dos pais do noivo, um finíssimo almôço. Os noivos a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, partiram para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência à cerimónia, viam-se além das famílias dos noivos entre outras as seguintes pessoas:

Ministro do Comércio e Indústria e D. Maria Amélia Pinto da Costa Leite, Embaixador do Brasil e senhora de dr. Araujo Jorge; Ministro da Bélgica e condessa de Lichtervelde; Ministro da Dinamarca e senhora de Bocock; Ministro da Noruega, conselheiro da Legação dos Estados Unidos da América, Consul geral de Inglaterra e espôsa: Consul geral da Suécia, espôsa e filhos; Adido naval italiano espôsa e filhas; Consul da Dinamarca, conde e condessa de Santar, conde de Castelo Branco, conde e condessa de Paço de Arcos; almirante Ivens Ferraz, coronel Augusto Botelho Moniz da Costa Veiga, comandante Fernando Lemoine Branco, D. Manuel Braancamp de Melo Breyner (Sobral), D. Lívia de Arriaga e Cunha de Melo Breyner e filha, D. José de Saldanha da Gama, espôsa e filhos, D. Madalena Trigueiros de Martel Patrício, mons. Gonçalo Nogueira, D. Maria do Carmo da Camara de Noronha Husum, engenheiro Vasconcelos Correia e D. Herminia Serzedelos de Vasconcelos Correia, Frederico de Guimarães Serodio (Sabrosa) e D. Albertina Gomes de Amorim Serodio, D. Judite Valença e filhas, engenheiro Mendes da Silva e esposa, dr. Moreira de Carvalho, Francisco Gomes de Amorim e espôsa, dr. Arnaldo Sampaio e espôsa, engenheiro Gomes de Amorim e espôsa, dr. Barahona Fernandes e espôsa, dr. Ferreira da Fonseca e espôsa, dr. Alves Machado e espôsa, Vasco Jardim (Valenças), Domingos de Castro Constancio e D. Rita de Sousa Coutinho Empis de Castro Constancio, Harby e espôsa, Fernando Pires de Bandeira de Lima e espôsa, dr. Andresen da Costa, D. Alice de Brito Capelo de Morais e filho, Afonso de Dornelas e D. Anunciata de Dornelas, D. Maria Amélia e D. Maria de Faria Teixeira Bastos, Erwin Brunn e espôsa, João e Miguel Macedo de Barros, Fritz S. Mamede Teixeira, etc., etc.

— Na paroquial das Mercês, sendo celebrante Monsenhor Gonçalo Casimiro Nogueira reverendo prior de Santa Maria de Belém, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Amélia Elisabete Perry Vidal Muller Lewes, interessante filha da sr.ª D. Laura Perry Vidal Muller Lewes e do sr. Adolfo Muller Lewes, já falecido, com o sr. Manuel Maria de Bettencourt Sieuve de Meneses da Mota Ferreira Cardoso, filho da sr.ª D. Maria Alice Sieuve de Menezes da Mota Ferreira Cardoso e do sr. dr. Manoel da Mota Ferreira Cardoso. Serviram de padrinhos por parte da noiva, sua mãi e seus tios a sr.ª D. Luiza Maria Machado Perry Vidal e Francisco Perry Vidal e por parte do noivo o sr. D. Duarte de Bragança, representado pelo sr. D. João de Almeida Corrêa de Sá (Lavradio), e o pai do novo. Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência da mãi da noiva. Os noivos a quem fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, seguiram para Coimbra onde fôram passar a lua de mel.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.ª D. Fernanda de Quental, gentil filha do sr. Gualter de Quental, com o sr. dr. Hermínio da Conceição Pereira Paveia, licenciado em Ciências Económicas e Financeiras, ilustre professor do Instituto, filho da sr.ª D. Próspera Pereira Paveia e do sr. Manoel Paveia. A cerimónia deverá realizar-se brevemente.

— Celebrou-se na paroquial de S. Mamede, o casamento da sr.ª D. Ariete Brandeiro Corrêa da Silva Monteiro, interessante filha da sr.ª D. Albertina Brandeiro Corrêa da Silva Monteiro e e do sr. José da Silva Monteiro, já falecido, com o sr. segundo-tenente engenheiro maquinista sr. João Maria Alegria, filho da sr.ª D. Palmira de Jesus Alegria, e do sr. Manoel Alegria, também já falecido. Serviram de madrinhas as sr.as D. Marieta Brandeiro Corrêa da Silva Monteiro Finch, irmã da noiva e D. Etelvina Reuter, e de padrinhos os srs. capitão-tenente Artur Paulo Corrêa Monteiro e Walter Reuter.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Para seu filho Carlos, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria Bárbara Street Rangel de Quadros Garcia Correia Nóbrega e Sousa, espôsa do sr. dr. Agostinho de Sousa, a sr.ª D. Rosa Henriques Ramires, interessante filha da sr.ª D. Maria da Conceição Henriques e do sr. Manuel Ramires, funcionário superior do Banco Nacional Ultramarino, em serviço na Agência do mesmo banco em Aveiro.

— Na paroquial de S. Jorge em Arroios, celebrou-se o casamento, da sr.ª D. Maria Joaquina Gabriela Neves Moreira, gentil filha da sr.ª D. Belmira Neves Moreira, e do sr. Alfredo Alves Moreira já falecido, com o sr. Manuel Prestes Valério, filho da sr.ª D. Alice da Piedade Prestes Valério e do sr. José Lopes Valério. Serviram de madrinhas as sr.as D. Maria Joaquina Augusta Batalha e D. Maria Valentina Machado Prestes, e de padrinhos os srs. Octávio Seabra da Costa e Manuel José Machado Prestes.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência da mãi da noiva. Os noivos a quem fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, partiram, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Antónia de Morais, gentil filha da sr.ª D. Maria Augusta Corte Real Fragoso de Morais e do sr. António Joaquim de Morais, com o tenente-aviador sr. Edgar Pereira da Costa Cardoso, filho da sr.ª D. Maria das Dores Pereira da Costa e do coronel Edgar Augusto Cardoso. Fôram padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Luísa Medeiros de Morais e o sr. Eurico José de Carvalho Morais, e por parte do noivo a sr.ª D. Maria Heloisa Cid de Bastos Guerra e o distinto advogado sr. dr. António Bastos Guerra.

Acabada a cerimónia, foi servido na elegante residência da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de de valiosas prendas para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Na paroquial dos Anjos, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Durão, com o sr. Uriel Saraiva, tendo servido de padrinhos os srs. Mário Lameiras, sub-director da Sociedade Portuguesa de Seguros e, espôsa, e Carlos Durão, tio da noiva e sua espôsa.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Angélica Melo de Castro Côrte Real, espôsa do distinto médico rádiologista sr. dr. Manuel de Mendonça Côrte Real. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— No Pavilhão da Família Militar, à Estrêla, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Angelina Alves Ribeiro da Fonseca, espôsa do coronel sr. Ribeiro da Fonseca. Mãi e filha, estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Maria Tereza da Costa Lince, espôsa do sr. Costa Lince, teve o seu bom sucesso, na Casa de Saúde de Bemfica, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão). Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Tereza Gusmão Arouca de Paiva Couceiro, espôsa do tenente de cavalaria sr. Miguel de Paiva Couceiro. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, no Casal de Santo António, na Barra, perto de Aveiro, a sr.ª D. Maria Helena Burnay da Costa Pessoa, espôsa do tenente instrutor da aeronáutica naval sr. Henrique da Costa Pessoa (Vinhais), assistida pelo distinto clínico de Aveiro, sr. dr. Soares Machado. Mãi e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Fernanda de Oliveira Cardoso Mendes Madeira, espôsa do distinto professor do Liceu sr. dr. António Mendes Madeira, teve o seu bom sucesso num quarto particular da Maternidade dr. Alfredo Costa, assistida pelo ilustre professor sr. dr. Costa Sacadura. Mãi e filho estão felizmente bem.

— Assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Félix, teve o seu bom sucesso, num quarto particular da Maternidade dr. Alfredo Costa, a sr.ª D. Maria Júlia Garcia Esteves Roque, espôsa do distinto clínico sr. dr. Bernardino Esteves Roque. Mãi e filho estão felizmente bem.

D. Nuno.

No consultório-posto de socorros: Um curativo

ASSISTÊNCIA E INSTRUÇÃO

«A VOZ DO OPERÁRIO»

acaba de completar 56 anos de bem fazer

MINISTRAR a instrução, gratuíta e desinteressadamente, num País como o nosso, em que a percentagem de analfabetos é enorme, apavorante mesmo, é uma obra acima de todos os louvores; acrescentar-se a isso o alimentar, calçar e vestir milhares de criancinhas, desamparadas da sorte, é manifestar sentimentos de altruísmo, de solidariedade, de abnegação, que cumpre registar e encorajar.

Se existem diversas associações que prosseguem tais fins, uma há que merece ser destacada em especial pela grandiosidade da sua obra e pela actividade que desenvolve além da que se enumera atrás: é a "Sociedade de Instrução e Beneficência *A Voz do Operário*».

Instalada num magnífico edifício, sua pertença, na Graça, na artéria a que a Câmara Municipal entendeu dever dar, numa homenagem inteiramente merecida, o nome de Rua da Voz do Operário, é conhecida de tôda a Lisboa, do País inteiro; dez por cento da população citadina é associada.

É conhecida, sim, mas na maioria dos casos apenas de nome...

Merece bem uma visita, demorada, observadora, para que se possa vêr o que existe de grandioso na obra que dia a dia se vai ampliando, se vai desenvolvendo, crescendo sempre, continuando ininterruptamente a sua bela missão, com um entusiasmo que jàmais afrouxa. Apelidaram-na, e com tôda a justiça, de "Catedral do Bem». É na verdade essa a orientação e são êsses os anseios que a todos e a tudo dominam: fazer o bem. E podemos acrescentar que êsses desejos têm sido realizados com largueza.

Se não, vejamos:

Contando 50 mil sócios, ela sustenta quarenta e três aulas de instrução primária, absolutamente gratuíta, em cursos diurnos e nocturnos, nove das quais instaladas na séde e as restantes espalhadas por tôda a Capital, com uma população escolar de cêrca de cinco mil alunos. Tem, desde há meses, uma Escola Comercial, funcionando em curso nocturno, que, apesar de se encontrar ainda em regime experimental, é já uma certeza a vincar-se.

Isto seria o bastante para "A Voz do Operário» se impôr à consideração de todos nós: mas estamos apenas em princípio.

Quinhentas refeições oferece diàriamente a cantina escolar aos alunos mais necessitados; muitas vezes — ainda há dias tal facto se repetiu — distribui grandes quantidades de calçado e de vestuário pelas crianças, que têm, além disso, assistência médica contínua, inclusivé dentária, onde os pequeninos são tratados com o maior carinho, com a mais viva dedicação — timbre que aliás é manifestado por todos os sócios em tudo, tudo, o que diga respeito à sua Sociedade.

Estes serviços clínicos estendem-se aos associados, que dêles se podem utilizar em condições económicas muito apreciáveis, porque muito vantajosas.

Assegura ainda "A Voz do Operário» assistência no parto às associadas que contém mais de seis anos de inscritas e assegura também, pelos seus modelares serviços funerários, o enterramento dos sócios falecidos — o que suprime tantas e tantas dificuldades com que famílias pobres lutavam quando tocadas pela desgraça do desaparecimento de um dos seus membros. Mas pode a família, por qualquer razão, prescindir do funeral feito pela "Voz do Operário»; então receberá um subsídio, fixado de acôrdo com o número de anos que o sócio contasse de inscrito.

Uma parada infantil

Na verdade, pelas múltiplas actividades que desenvolve, que distância vai da modesta cooperativa, desconhecida e sem protecção, com a sua séde na velha e laboriosa Alfama, à florescente Sociedade que estende hoje os seus ramos por tôda a parte, acolhendo à sua sombra (parece que as duas ideias se haviam de contradizer) os que querem ser alcançados pela luz bendita da Instrução!

Foi há 56 anos — passou o aniversário ainda há pouco mais de um mês — que ela surgiu.

O nome tomou-o dum jornal que quatro anos antes um modesto operário, Custódio Gomes, tinha fundado para com êle contribuír para a defesa e protecção das classes proletárias.

Um outro operário, como êste inteligente e ansiando como êle justiça e melhoramento de condições, a dentro da ordem, para a sua classe, tomou a direcção do hebdomadário. E o jornal foi singrando.

A Voz do Operário, hoje velho de sessenta anos, mas com o espírito juvenil dos vinte, foi o primeiro passo para a existência da associação.

Três anos passaram. E o operário decidido que dirigia o jornal, e cujo nome ainda hoje é motivo de veneração na Sociedade, Custódio Braz Pacheco, concebeu projectos audazes, atrevidos, grandiosos.

Para os pôr em execução fundou-se, dando-se-lhe o mesmo nome do jornal, uma cooperativa que no seu programa, elaborado pelo infatigável Braz Pacheco, concatenava uma obra vasta e grandiosa.

Mais uma utopia, pensaram muitos.

Enganaram-se, porém. A idéia vingou e transformou-se na mais consoladora realidade.

Nove anos mais correram, em lenta elaboração, em consolidação, com o número de associados sempre em crescendo.

E em 1892 abriu a biblioteca privativa, e logo a seguir a primeira Escola.

Mas com o aumento dos sócios e de benefícios cresceu correlativamente a necessidade de maiores instalações, e essa necessidade tornou-se imperiosa.

Arrendou-se então um edifício no Largo do Outeirinho da Amendoeira, e assim continuou *A Voz do Operário* em Alfama durante mais vinte e sete anos — de 1896 a 1923.

Em 1 de Janeiro do ano seguinte de 1924 estava *A Voz do Operário*, na sua séde própria, com uma instalação que corresponde à sua importância, num prédio de aspecto atraente, respondendo aos requisitos modernos de higiene, pedagogia e comodidade.

E eis a traços larguíssimos o que tem sido esta instituïção, cuja obra se pode resumir num gráfico ascensional.

A biografia minuciosa de *A Voz do Operário*, seria de muito interêsse escrevermo-la, se para isso tivessemos espaço e se ela se não encontrasse feita pelo sr. Raúl Esteves dos Santos, cuja obra, é composta já de elevado número de volumes.

E justo é salientar-se a actividade dêste associado, não só no aspecto de investigação, mas como Presidente da Mesa da Assembléia Geral.

Citar o nome do sr. Raúl Esteves dos Santos, não é querer amesquinhar ou olvidar o interêsse e actividade que os outros sócios desenvolvem; não.

Como já acentuámos, e repisamo-lo agora, todos os associados se irmanam num pensamento comum, que chega a obsediá-los: o de promover o progresso de *A Voz do Operário*. É o núcleo que conhecemos em que mais domine o espírito associativo.

Mas reatemos o fio, quebrado para falarmos das origens e progresso constante de *A Voz do Operário*, e voltemos às vantagens que estávamos enumerando.

Possui mais um bem montado salão de espectáculos, apetrechado com uma instalação cinematográfica modernissima, passando na sua pantalha os filmes de maior categoria.

E não só oferece êste divertimento aos seus associados, como lhes proporciona ainda magníficos consêrtos e conferências.

Para se vêr a categoria dos conferentes, basta dizer-se que brevemente — talvez mesmo no momento em que êste número da *Ilustração* sáia a público ela já se tenha efectuado — Aquilino Ribeiro, o mais português dos escritores de hoje, irá lá pronunciar uma palestra.

Propositadamente deixámos para último lugar a indicação de uma dependência que é muito importante pela cultura que presta e pela enorme freqüência que mantém — são as Bibliotecas.

Bibliotecas, sim. É que *A Voz do Operário*, possui duas: uma, em que avulta a sala Fernão Boto Machado e Esposa, que ofereceram oito mil valiosos volumes com as necessárias estantes para a sua arrumação, é destinada apenas aos adultos, que aliás se servem delas com larga freqüência.

A outra, que supomos única no País, é a Biblioteca Infantil, que merece referência especial.

Instituída há muito pouco tempo, tem já cêrca de mil volumes, graças à liberalidade do sr. Fernando Rau, que se impõe também pela inteligente direcção, pelo profundo interêsse e pelas idéias sempre aproveitáveis que expande.

Exercícios de gimnástica

A freqüência média diária é já de trinta alunos, excepto aos sábados em que se eleva a cem, e apesar de apenas se encontrar aberta três horas cada dia: das dez às treze.

É uma verdadeira obra de amor a que a sr.ª D. Adriana Crisóstomo preside com a sua inteligência, a sua bondade que logo nos cativa, a sua dedicação pelos pequeninos.

Ao entrarmos nesta sala sentimo-nos sensibilisados ao vêr os pequeninos leitores, mergulhados na leitura com interêsse visível, nas suas mesinhas e cadeiras de altura graduada conforme as idades, e estando a maioria do tempo entregues a si próprios, desenvolvendo-se-lhes assim a noção de responsabilidade e despertando-lhes a idéia de que se confia já na sua honradez, na sua probidade — legítimo motivo de orgulho para as crianças, que aliás correspondem absolutamente à consideração que por elas têm.

O ambiente claro, alegre, convidativo que se respira; a arrumação impecável e modernizada; o cunho de elegância que tudo tem, são outros tantos factores que bem dispõem o visitante, já especialmente interessado, pela natureza, fins e originalidade da Biblioteca, por esta secção.

E hoje em que a especialização, a divisão do trabalho, se acentua, levando os Estados a conhecerem dela e a levá-la em linha de conta e a tê-la até em muita atenção, supérfluo é pôr em maior destaque as sumas vantagens das instituïções que, como esta, concorrem para o fim que a todos se antolha de primacial importância na organização social moderna.

Em algumas palavras pretendi dar uma visão, se bem que muito rápida e geral, do que foi, do que é e de para que serve a "Sociedade de Instrução e Beneficência *A Voz do Operário*».

Mas repito aqui o que ao iniciar esta notícia escrevi: Merece bem uma visita, demorada, observadora, para que se possa vêr o que existe de grandioso na obra que dia a dia se vai ampliando...

Não se dá o tempo por mal empregado; bem pelo contrário.

E além de tudo o mais, é-se lá recebido, desde o mais alto ao mais humilde empregado, com uma delicadeza, uma atenção, uma simpatia, que podem ser igualadas, mas não é possível exceder.

GASPAR DA CRUZ FILIPE.

Um aspecto da «Biblioteca Infantil»

A mulher para o marido:
— Sabes quanto me custou êste vestido?
— A ti não custou nada. A mim é que me custa um mês de ordenado, pelo menos.

■

Duas porteiras conversam:
— Pois foi uma terrivel desgraça! com 19 anos, aquela linda pequena foi arrebatada ao convívio de seus extremosos pais.
— ¿Pela febre tifoide?
— Não, pelo inquilino do 6.º andar.

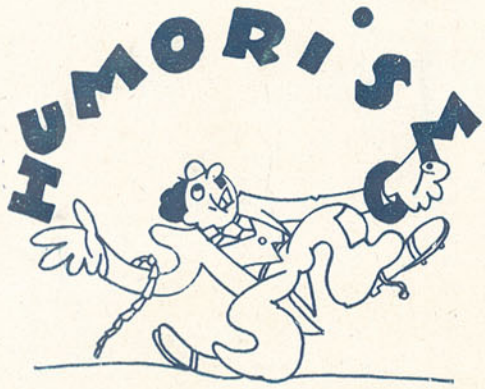
■

— Ao visitar êste hospital, nunca me passou pelo espírito, meu caro, que viesse aqui encontrar-te, ocupando uma cama. Quem poderia pensar em tal! Se ainda há dois dias te vi em companhia de uma loura, encantadora...
— Sim, mas... a minha mulher também me viu!

■

Um mentiroso, tendo falecido, chegou à porta do céu, com o manifesto desejo de lá entrar. Encontravam-se lá outros dois pretendentes, aguardando vez. Quando S. Pedro se dispôs a atendê-lo, a fim de avaliar as penas que teriam de sofrer no purgatório.
— ¿Quantas mentiras graves disseste na terra? — pregunta ao primeiro.
— Três apenas, São Pedro.
— Pois vais dar três voltas ao paraíso, em passo gimnástica e depois virás de novo á minha presença, para sentença final.
— E tu? — pregunta, dirigindo-se ao segundo.
— Trinta e duas graves mentiras.
— Darás 32 voltas seguidas sem parar.
Chega a vez do aldrabão. Quando S. Pedro ia começar a interrogá-lo, o trapalhão corta-lhe a palavra.
— Peço perdão de o interromper —

— Lili, vai ali à mercearia e diz que mandem as compras aqui ao 13... ao prédio novo!...



mas antes de responder, desejava pedir o favor de mandar vir da terra, um objecto que lá deixei.
— Concedido. Que objecto é?
— A minha motocicleta...

■

— Gostava muito de te apresentar à minha mulher.
— Para quê!
— Para lhe provar que se engana quando afirma ter casado com o homem mais feio do mundo.

■

— Então já fizeste as pazes com o Fernando?
— Fiz, mas apenas temporariamente. Casamos para o mês que vem.

■

— Meu caro, uma carta anónima é uma infamia sem nome que deve ser despresada...
— Perdão! não é tanto assim... Isso depende de que ela vem.

■

Um velho celibatário tem por hábito passar as noites em casa de uma viuva, senhora das suas antigas relações.
— Porque não casas com ela? — pregunta-lhe, certa vez, um amigo.
— Já pensei nisso... mas, depois de casado, ¿onde é que irei passar as noites?

■

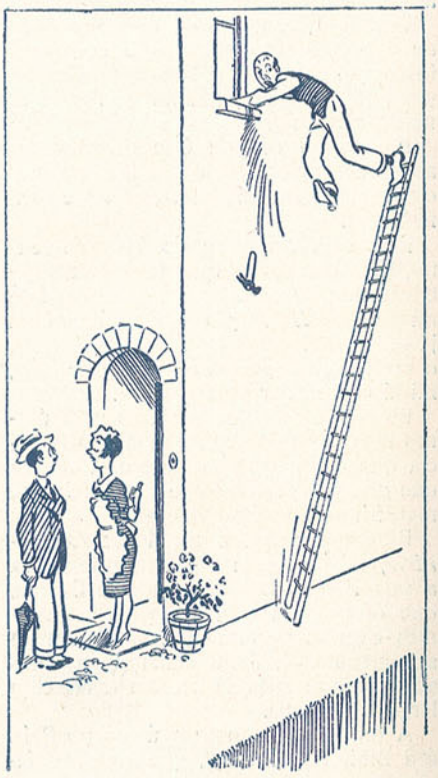
A cena passa-se na América do Norte. Mr. Brown, milionário de fresca data, organizou um dispendioso "pic-nic", para a sua família e uma centena amigos. Depois de largar os automóveis, o numeroso grupo pôs-se a caminho para uma clareira onde foi instalada tôda a gastronómica bagagem. A certa altura, uma sobrinha de Mr. Brown toca-lhe no braço:
— Tio, quem é aquele horrível homem que anda ali a ajudar a transportar os cestos com provisões?
— Ah! — responde o tio! — é o mais famoso ladrão de cofres-fortes. Um verdadeiro especialista, que saiu agora da prisão.
— Essa agora! — exclama a sobrinha. Mas que faz êle aqui?
— Bem sabes, menina, que não recuo diante de nenhuma despesa — responde o novo rico tomando ares importantes. Contrateio-o só para abrir as caixas de sardinhas.

■

Dum estabelecimento de artigos só para homem, em Paris, um forasteiro, ao receber das mãos de uma gentil vendedora, um par de luvas que comprara, notou que ao mesmo tempo lhe era entregue uma pequena chave, presa a um cartão, onde havia a indicação de uma morada e a anotação de uma hora.
Julgando tratar-se de qualquer equivoco, interrogou a vendedora que lhe respondeu com o mais delicioso e tentador dos sorrisos:
— A chave é da porta do céu cuja localisação é dada no cartão anexo. Mas não se esqueça de levar dinheiro para a viagem...

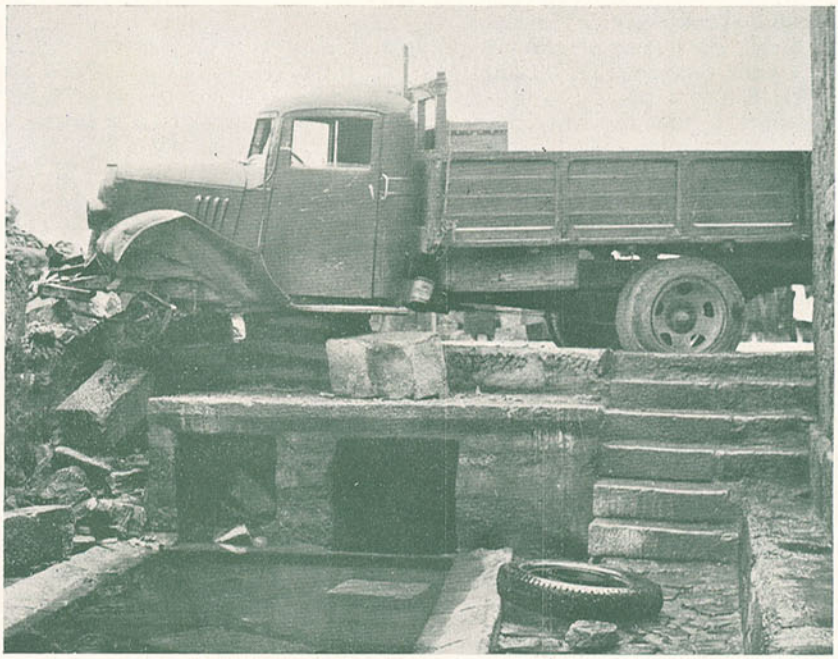
■

Um estrangeiro visita um velho castelo arruinado.
O guarda, depois de lhe descrever as coisas horriveis ali sucedidas noutros tempos, roubos, incêndios, assaltos, assassinatos, etc., de que o velho castelo havia sido teatro, diz-lhe:
— Mas o mais notável acontecimento deu-se precisamennte ainda ontem, atrás dêste portão!
— Ah! Então que foi? — preguntou o estrangeiro, boquiaberto.
— Foi um estrangeiro, como V. Ex.ª que aqui veio igualmente visitar o castelo e, ao saír, se esqueceu de me dar a a costumada esportula...



A visita: — *O sr. Oliveira está em casa?*
A criada: — *Olhe, neste momento, nem está, nem deixa de estar...*

FIGURAS E FACTOS



A camioneta que, próximo da Praça do Exército Libertador, no Porto, galgou o passeio, indo matar um guarda da Polícia de Segurança Pública, entalando-o contra um muro

Não tivemos tempo de fazer refetência à 1.ª edição do livro de Paulo Freire, *Profetas e Profecias*, porque o público não nos deu tempo, esgotando-a no curto prazo de uma semana. Paulo Freire, escritor infatigável, pode orgulhar-se de ter conquistado um dos mais belos êxitos literários

Rumo do Império se intitula o novo livro do jóvem escritor Eduardo Metzner Leone, em cujas páginas é descrita com a fidelidade e relêvo dum cronista a viagem presidencial às colónias. Nesta nova obra, Eduardo Metzner Leone mostra mais uma faceta do seu talento

Rocha Martins, o tão fecundo quão festejado escritor, acaba de publicar mais um livro que intitulou *O Marquês de Pombal desterrado* e é constituído, em grande parte, pelo famoso processo movido contra o Primeiro Ministro do Rei D. José, focando-lhe a sua origem e trâmites. Rocha Martins baseou-se na correspondência do glorioso estadista, destacou-lhe muitas cartas inéditas, seguindo-lhe a personalidade histórica através das mil e uma afrontas sofridas, até que desceu à paz do sepulcro — a única que lhe foi dado auferir. Rocha Martins, que todo o país admira, pois lhe deve os mais belos conhecimentos da nossa História, retribue o carinho dos seus muitos milhares de leitores, trabalhando infatigàvelmente, num verdadeiro prodígio de produção literária, em que não há apenas o vigor da forma, mas a verdade histórica tanta vez escondida debaixo de toneladas de poeira dos arquivos. O autor de *O Marquês de Pombal desterrado* não esmorece nunca ante qualquer trabalhosa emprêsa a realizar. Abre caminho através de todos os obstáculos e dificuldades, e, após afanosa labuta, emerge altivo, triunfante, como o ilustre artista Arnaldo Ressano tão flagrantemente o caricaturou. Rocha Martins é assim. A sua pena é do aço bem temperado das boas espadas e da relha dos arados fecundadores da nossa Mãe Terra, em cujo seio germina o pão nosso de cada dia. Não precisamos, portanto, de render louvores ao seu novo livro: basta dizer que é de Rocha Martins — e nisso está o seu melhor elogio

O sr. ministro da Educação Nacional despedindo-se de sua esposa momentos antes de partir para Roma, afim de representar Portugal nas cerimónias da coroação do Papa Pio XII. — *À direita:* O sr. dr. Carneiro Pacheco subindo para o avião

A cultura física, higiénica e saüdável, em tôda a parte é possível, até nos terraços dos altos edifícios; e sempre, também, é motivo de atitudes harmoniosas e elegantes

A QUINZENA DESPORTIVA

NENHUM acontecimento sobreleva em importância, não apenas nesta quinzena mas de há longos tempos para cá, êste que acaba de verificar-se da apresentação pelo sr. ministro da Educação Nacional do diploma tendente à criação em Lisboa, do Instituto Nacional de Educação Física.

É dever de justiça reconhecer que o sr. dr. Carneiro Pacheco trouxe, desde o dia em que ocupou o seu alto cargo, uma actividade renovadora aos problemas relativos à educação física da mocidade, deixando prever de há muito a actual resolução e augurá-la orientada dentro dos preceitos mais em acôrdo com as necessidades e condições do meio português.

Não fazia sentido a ausência, no país, dum estabelecimento oficial de ensino para formação de professores de gimnástica, numa época em que se desenvolve tão intensa e vasta campanha no sentido de generalizar a tôda a população portuguesa a prática regular dos exercícios físicos nacionalmente ministrados. E menos sentido fazia ainda que na mais importante das organizações nacionais, a Mocidade Portuguesa, patriótica iniciativa do sr. ministro da Educação Nacional, se estivesse empregando o método de gimnástica adoptado pelas duas escolas, — escolas de facto —, existentes no país, sem que um diploma viesse revogar o malogrado decreto 21.110 que instaurava para os estabelecimentos de ensino secundário dependentes do mesmo ministério, um método inteiramente diferente, quási antagónico.

A proposta de lei agora enviada ao estudo das Câmaras, indica a subordinação pedagógica do futuro Instituto aos princípios do método de Ling, e tanto basta para que, felizmente, possamos considerar finda a existência de tal gimnástica passiva de unilateralidade respiratória, contra a qual há sete anos todos quantos em matéria de educação física possuem autoridade protestam e se revoltam, que pràticamente nunca foi aplicada a não ser por aqueles professores feitos à pressa que não sabiam outra coisa para ensinar, e que de outra forma teria exercido influência prejudicial nos interêsses da raça, tais como os fixou em memorável discurso o dr. Oliveira Salazar ao reconhecer a conveniência de "dar aos portugueses, pela disciplina da cultura física, o segrêdo de fazer duradoura a mocidade em benefício de Portugal».

Qual serão, porém, as funções do futuro Instituto relativamente ao meio desportivo? A única referência a tão importante problema que encontramos no texto da proposta parece indicar que entre os seus objectivos figura a criação dum centro de estudos capaz de fornecer ao país os elementos científicos necessários ao melhor aproveitamento das actividades dos núcleos desportivos civis, e se assim fôr todos, com o caso, nos devemos regosijar. Mas paira, no entanto, nos termos de redacção dêsse período do articulado uma imprecisão que pode admitir interpretações diferentes, deixando supor que o Instituto venha a exercer acção prática directa no funcionamento dos grémios desportivos e na vida das entidades dirigentes do desporto, e contra tal interferência devem levantar-se as maiores reservas.

Sempre temos defendido a ideia da fundação dum organismo superior do desporto, por cujo intermédio o Estado exerça as necessárias funções de fiscalização, orientação e auxílio; mas êsse organismo nunca poderá ser uma escola de educação física, porque forçadamente existiria nela um critério de visão unilateral pedagógica, que provocaria sérios embaraços na prática, sem corresponder por isso às vantagens que de semelhante instituição seriam de esperar.

Num outro ponto discordamos em absoluto do que pretende estabelecer o projecto entregue às Câmaras: é no procedimento que dêle se depreende em relação aos actuais professores de gimnástica, cujo diploma se depreende perder validade caso não repitam o curso freqüentando durante três anos o Instituto.

Tal imposição constituiria injustificada violência e incompreensível ingratidão; no momento em que são traçadas novas directrizes, é necessário não esquecer os serviços prestados nas horas difíceis do passado, entre êles a larga contribuïção de trabalho dedicado e proficiente dada pelos professores diplomados pelas escolas existentes para o êxito fulgurante da organização da Mocidade Portuguesa, só por tal motivo viável.

Não se admite que seja, sùbitamente, negada competência profissional às pessoas — sem a criação do Instituto — continuariam com excelentes resultados a assegurar o êxito das iniciativas governamentais.

■

Passou em Lisboa, a caminho da América do Sul, uma das figuras mais destacadas do desporto mundial que em diversas ocasiões tem manifestado pelo nosso país acentuada simpatia: o sr. Jules Rimet, presidente da Federação Internacional de Futebol.

O ilustre viajante, que era acompanhado por sua gentilíssima filha Annette, foi acolhido pelos dirigentes portugueses com a merecida afabilidade, de molde a haver certamente deixado ao nosso hóspede de poucas horas a mais grata recordação da sua passagem em terra lusitana.

Jules Rimet, que contamos entre os melhores amigos que nos ficaram do tempo pouco saüdoso da nossa ingerência nos negócios da entidade máxima do futebol nacional, já em Fevereiro de 1930 visitara Portugal acompanhando a equipa francesa que veiu jogar ao Pôrto e foi batida por 2-0; teve então oportunidade de afirmar pùblicamente o seu interêsse pelos assuntos relativos ao nosso país e foi por sugestão sua que a federação portuguesa pôs a sua candidatura para que lhe fôsse atribuida a organização do congresso da F. I. F. A. no ano imediato.

Esta pretensão, que encontrou nos delegados dalgumas nações amigas o mais franco apoio e tomar caminho de provável êxito, caducou depois em virtude da tempestade política que assolou as camadas dirigentes do nosso futebol; mas sabemos que os actuais mentores da F. P. F. aproveitaram a segunda visita do sr. Rimet para ventilar de novo o assunto, e que êste recebeu do presidente máximo idêntico acolhimento ao da primeira tentativa com a promessa dum patrocínio que, embora não possa manifestar-se directamente, tem grande valor moral.

Também podem considerar-se, em conseqüência das conversações de Jules Rimet com os dirigentes nacionais, reatadas as relações desportivas com o futebol francês, devendo a nossa equipa jogar em Paris no princípio da época próxima com retribuïção da visita durante as festas da exposição do duplo Centenário.

A viagem do sr. Rimet à América do Sul, onde vai como representante oficial da F. I. F. A., embora por iniciativa da federação argentina, assume grande importância debaixo do ponto de vista diplomático, pois tem em vista a solução de várias divergências e animosidades que separam não só as entidades dirigentes do futebol dos diversos países sul-americanos, como até alguns dêstes e o organismo internacional, desde a discutida anulação da vitória do Perú numa das eliminatórias do torneio olímpico de Berlim.

O ilustre viajante não escondia relativa inquietação pelos resultados da sua missão e dizia-nos, com certa ironia de que nunca prescinde mesmo nas mais difíceis situações do seu espinhoso cargo, que iria visitar o local do seu suplício em Lima, onde em 1936 havia sido queimado, felizmente em efígie.

■

Chegámos a meio caminho da mais importante competição do programa futebolístico português, esta época investida das glórias de campeonato nacional, e três são ainda as colectividades que podem aspirar à conquista do ambicionado título: Futebol Clube do Pôrto, Sport Lisboa e Benfica e Sporting Clube de Portugal.

Sucede que entre êste momento da conclusão da primeira volta do torneio e a publicação desta crónica, devem as situações ter variado muito e, provàvelmente, morrido as esperanças de alguns, aumentado de intensidade as de outros; mas, por agora, interessa-nos apenas focar o aspecto de incerteza de que se reveste a prova e dêle concluir o acentuado equilíbrio de valores dos principais clubes portugueses, que os restantes não conseguem alcançar, ainda que para tal empreguem os maiores esforços.

Em épocas passadas ainda por vezes aconteceu que os adversários dos chefes de fila exercessem influência directa na classificação relativa daqueles por uma ou outra partida arrancada à fôrça de energia ou excessiva confiança dos favoritos, mas êste ano o campeonato apresenta-se com uma característica de regularidade que permite vaticinar o triunfo final como dependente exclusivamente dos resultados que os grupos da vanguarda consigam entre si.

A neve continua, nos países mais setentrionais da Europa, a proporcionar aos seus adeptos os mais agradáveis excursões desportivas. Para êste esquiador, nem o abrigo mais enterrado na neve, constitui obstáculo ao seguimento da sua marcha

Se para o grande público das principais cidades só êste torneio representa interêsse, não menor importância assume para a província e para os clubes menos cotados dos grandes centros, o outro torneio que simultaneamente segue em disputa com a designação de 2.ª Liga.

Nele tomam parte cinqüenta e sete grupos representando quarenta e duas cidades e vilas, em eliminatórias distritais dos quais por enquanto ainda apenas se conhecem dois vencedores, a Associação Académica de Santarém e o Grupo União Futebol de Viseu.

SALAZAR CARREIRA.

O presidente Rimet e sua gentil filha, no almôço que lhe foi oferecido pelos dirigentes da F. P. F., quando da sua recente passagem por Lisboa

O alemão Lautscher, campeão do mundo de corridas em esqui, passa entre nuvens de neve em vertiginosa descida para a meta

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 34

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 25

(Totalidade — 14 pontos)

QUADRO DE HONRA

Aço, Biscaro, Copofónico, D. Pericles, Eusapesca, Erbelo, Mr. Moto, Meio-Kilo, Papa-Almudes, M. A. P. M., X-8, X-9, Rosa Negra, Siulno, Cavaleiro Branco, Marcolim, Sevla, F. J. Courelas e Ramou Lácrimas — 14

QUADRO DE MÉRITO

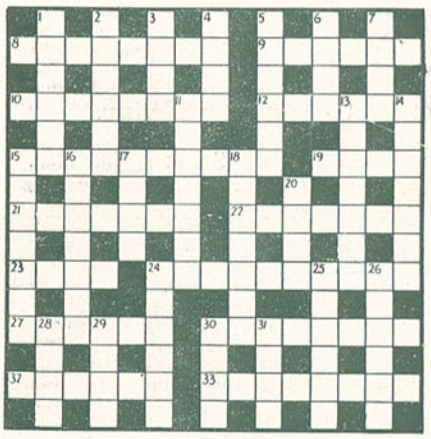
Ti-Beado — 13. Cigano, J. Tavares, Agasio, Mirna, Anjo das Serras e Dama Negra — 10. D. Ceias, Homem-Sombra, Tito Livo, Mr. Dell, Oidimeotnip, Mi-cá, Detective, Coca-Bichinhos, Garido Vieira, Tio San, Mr. Chan, Leuzinho, Arlequim, Arthemis, Limanel, Modesta, Lena, Milu, Tarata e Visconde X — 8. Aocica, Aristofanes e Neptuno — 6

DECIFRAÇÕES

1 — Molete. 2 — Aluz. 3 — Soldar. 4 — Dedo. 5 — Radicalmente. 6 — Manaia. 7 — Cegamente. 8 — Carapau. 9 — Ma(tro)na. 10 — Ga(lho)fa. 11 — Mes(si)as. 12 — Pe(que)na. 13 — Fun(de)go. 14 — Menino farto não é comedor.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 4



HORIZONTAIS

8 — Escritor português. 9 — Brioso. 10 — Perturbado. 12 — Transgredir. 15 — Escritor português. 19 — Estreitas. 21 — Dirigi. 22 — Imitação burlesca. 23 — Travesseiro com almofada. 24 — Extravagante. 27 — Concorrem. 30 — Gestação. 32 — Orador português. 33 — Cubiçoso.

VERTICAIS

1 — Desbaratou. 2 — Lancei. 3 — Percepção. 4 — Filtrar. 5 — Quiçá. 6 — Negro. 7 — Expede. 11 — Pitéu. 13 — Atleta. 14 — Tecido com listras de côr. 15 — Caranguejola. 16 — Gatuno. 17 — Sofrer. 18 — Pear. 20 — Relativo à boca. 25 — Perceba. 24 — Estadista português. 26 — Mergulhado. 28 — Gera. 29 — Deusa. 30 — Roteiro. 31 — Branco.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Maria, vou sem demora
Atirar comigo ao «*rio*» — 3-6-2
Porque sei que tu agora
Me repeles com fastio.

Se, porém, no meu caminho
Encontrar algum *carcovo*, — 1-5-4
Volto atraz e de mansinho
Tomo o caminho de novo.

Jurei, sem nunca temer,
Pela *cruz de Santo António* — 3-4-1
Que te qu'ria receber
A' face do matrimónio.

E... nada! Acabou-se tudo,
Termina assim meu *castigo*; — 5-2-6
Mas eu, Maria, contudo
Só qu'ria viver contigo.
....

Se ao romper da madrugada
Sentires uma *buzina*...
Lembra-te minha adorada
Que é minha alma que se fina.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

2) Forte, profundo e cheio de beleza
O amor é soberano sentimento;
Se umas vezes nos traz contentamento
Outras, por seu capricho, é só tristeza,

É, se êle *existe*, se êle tem viveza, — 2
Se nos atrai o vago pensamento,
Desde que o mundo teve o seu advento,
Desde que se formou a natureza,

É, talvez, porque faz parte integrante
Dum sistema vital, febricitante,
Onde impera a verdade cristalina...

Se êle existe bem *firme*, se palpita, — 2
Se, cá no mundo, os corações agita,
Só pode ser *constituïção* divina!

Lisboa *Barão Y*

3) Menina Maria, *adeus*, — 2
Não quero mais beijos teus;
como, desde que fui *nascido*, — 2
tenho vivido enganado
nem jamais um bocado
quero estar a ti *unido*.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

ENIGMAS

4) Com quarta e terceira
compus a *poesia*,
própria para canto
e p'ra grande folia.

Luanda *Ti-Beado*

(A «Ordisi» agradecendo o seu bom acolhimento e incitamento)

5) A cabeça, posta e rabo,
Do trabalho aqui exposto,
Eu gostava de arrumar
P'ra fazer coisa com gôsto.

Mas meu caro Director,
Não consigo fazer nada...
Não nasci para *poeta*
Ou tenho a lira panada.

Algés *Marcolim*

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS ADITIVAS

(Novíssimas)

6) Até uma *criança* faz o quiser da *tua égua velha*. 2-1.

Algés *Marcolim*

7) *Nesta terra*, com pouco *dinheiro*, se ganha muito *dinheiro*. 1-2.

Luanda *Ti-Beado*

8) Sem *expediente* a vida da *aldeia* não se «*comporta*». 2-1.

Poço do Bispo *Mirones (L. A. C.)*

(Ao confrade Ramou Lácrimas)

9) Não *vexo um aflito*. 3-1.

Lisboa *Alvarinho (G. C. L.)*

10) Queres mas *pagar*, mas *onde ó ferrão*? 1-1.

Lisboa *Eusapesca (G. C. L.)*

(Ao confrade Eusapesca)

11) «*Amparo*» a *criança* com *donaire*. 3-3.

Lisboa *Mora-Rei (G. C. L.)*

12) É *maldade* dar o *dito* por não dito e até, chega a ser injusto. 1-2.

Vila Serpa Pinto *Dr. Sicascar (T. E. e L. A. C.)*

(Ao nosso tesoureiro)

13) *Luta* contra a *corrente*, prezado *tesoureiro* 2-2.

Lisboa *Alguém (L. A. C. — T. E. — G. X.*

14) No *bairro de Constantinopla* ainda se «*prega*» contra a destruïção dêste *antigo monumento*. 2-2.

Lisboa *Dado (T. E.)*

REVERSIVA (Eléctrica)

(A Biscaro, com os meus cumprimentos)

15) A *caruma* pica os pés às *senhoras*. 2.

Lisboa *Meio-Kilo*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

16) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)

Lisboa *Infante*

NOIVAS DE ONTEM E DE HOJE

A noiva é sempre objecto de admiração, e, tôdas as raparigas com raríssimas excepções sonham com a sua «toilette» de noiva e imaginam-na deslumbrante.

Efectivamente o dia do noivado é o começo duma nova vida, e, duma responsabilidade que nem tôdas medem, e, quási nenhuma mesmo as que muito sériamente se preparam para o noivado, nesse dia, refletem nos encargos que vão tomar e ainda bem que assim é, porque não estariam com êsse sorriso encantador e êsse ar de sonho, que torna as noivas deliciosas.

Êsse ar tiveram-no sempre as noivas e ainda o têm, mesmo as raparigas mais modernistas e mais desprendidas.

A noiva antigamente era mais ingénua mais inocente, caminhava no seu vestido branco guarnecido de rendas e «ruches», coroada de flor de laranjeira, a simbólica flor, coberta dum véu de tule, com o seu ramo de flor de laranja, metido no «porte-bouquet» de setim branco, para o sonho da sua vida, subia para o altar num idealismo, que a fazia pensar a vida era apenas o amor e que continuaria o seu sonho ideal de que a cerimónia do casamento era o prólogo.

Em geral o sonho era substituído, pela realidade da vida, mas a mulher submissa habituava-se a ver a vida muito diferente do que ela a sonhava e pouco a pouco o sonho desaparecia e a realidade da vida diária, os trabalhos com os filhos, o mau humor do marido, as doenças, as contrariedades, que fazem a vida de todos os dias, insinuavam-se na existência da mulher que triunfante no seu «tournure» com o brilho do setim branco a envolvê la tinha caminhado pelo braço do seu pai, para o altar ao som duma marcha nupcial tocada no órgão.

Mas a mulher de então nascera com a melhor tendência, que uma mulher pode ter, a da resignação. Aceitava o seu sonho desfeito como uma coisa que tinha de ser; via modificar a vida, o amor transformar-se em amizade, numa sólida amizade e tranqüilamente fazia do alto sonho uma realidade: a do dever cumprido.

Essa noiva ingénua com muitos preconceitos fazia a melhor mãe de família que se podia idealizar, vivia para os seus com a mais profunda dedicação.

A noiva de quem uma conhecida escritora inglesa diz: «Quando a minha avó casou a boda nunca podia realizar-se no dia 13 do mês ou numa sexta-feira, dias aziagos e nefastos.

Casar em Maio era de mau agoiro. Não devia haver a mais leve sombra de verde nem na noiva, nem nas «demoiselles d'honneur». As convidadas não podiam usar um vestido preto.

A tradição, (trata-se da inglesa) exigia que a noiva levasse qualquer coisa já usada, uma coisa emprestada e pelo menos um laço azul.

Ela devia ter embainhado pela sua mão uma dúzia das suas roupas de baixo, tôdas muito compridas e rodadas, com metros de tecido cheias de incrustações de valencianas e «guipure» bordados, pregas e folhos e laços de fita de setim.

Ela tinha feito colchas de «crochet» em algodão branco, rendas e «miguardise». Perdia semanas meses e anos a fazer paninhos para as costas dos sofás e poltronas e tôdas as prateleiras, que poderiam existir na sua casa.

A roupa de casa era tôda feita por ela e lençóis, toalhas, almofadas eram guarnecidas a rendas de «crochet» e bordados tudo trabalho dos seus dias de noivado.

Era quási considerado imoral comprar essas coisas feitas, ou mesmo usar a máquina de costura para aliviar êsses trabalhos, não era a mulher feita para o trabalho? E se o homem deixava o trabalho ao sol posto, o trabalho da mulher devia ser contínuo. Era preciso que o soubesse desde a mais tenra idade.

Ela e o seu noivo escolhiam a casa maior que podiam pagar, e, se pudesse ter uma impressionante escadaria em pedra, melhor ainda. Um grande piano era considerado de absoluta necessidade porque qual era a noiva que entre as suas prendas não incluia, a musica e não era pianista? Carruagem só tinham os que possuiam fortuna.

Como obrigação quando já casada, tinha de limpar o pó à sua sala, ela era a única pessoa capaz de o fazer sem deitar abaixo ou quebrar as dúzias de jarras e de fotografias emolduradas, de vasos de plantas e ornamentos de tôda, a espécie que cobriam, tôda a superfície horizontal que as pudesse suportar.

Para isso ela tinha embainhado vistosos panos de pó em setineta, que guardava na própria sala, nessas desaparecidas algibeiras bordadas, que se penduravam na parede»...

A crítica da interessante escritora mostra-nos o que era a noiva de há sessenta anos ou mesmo de há cinqüenta.

Ocupando-se com amor da sua roupa, escolhendo uma casa vasta onde a familia se pudesse expandir à medida que aumentava. Trabalhando sem cessar no que então era o embelezamento da casa, cuidando minuciosamente dos seus múltiplos «bibelots», que faziam parte da sua vida, nós temos fotografada a mulher que criou filhos e netos e que todos nós conhecemos profundamente dedicada a todos os seus, nascidos, dêsse sonho que a levou ao altar com a sua complicada «toilette» de setim, rendas e franzidos.

A noiva de hoje vai para o altar em plena realidade do que é a vida, sabe que os sonhos se esvaem e que ràpidamente passam. O simples vestido em «crepe marrocain» que em franzidos cai sôbre o seu corpo que o desporto tornou forte como o aço e flexível como um florete, é branco como o da sua avó, e tão simples como o dela era complicado. Na cabeça rosas brancas e plumas, nada de simbolismos, bem basta o vestido branco que se não fôsse tão bonito e ficasse tão bem, não seria usado, por seu uma despesa inutil, o véu fino não cobre uma cabeça sonhadora, mas sim positiva, que sabe o que quere, tanto como o noivo.

Não há portanto êsse desmoronar do sonho em contraste com a vida real, mas é talvez incompreensível, mas é assim mesmo, há uma brusca reacção perante a vida de todos os dias é as múltiplas pequenas contrariedades que a formam.

Esta noiva, que não perdeu anos a fazer roupa, que casa em qualquer dia do mês ou da semana, porque não tem preconceitos nem enguiços, que compra o seu enxoval feito e não em grande quantidade, as modas mudam tanto, que escolheu uma casa pequena, porque é mais fácil de governar e tratar, que não tem piano, mas sim uma pequena telefonia não se resigna à realidade da vida.

A mulher que na sua confortável sala tem cadeiras esplêndidas de comodidade mas não tem um «bibelot» para se não maçar a limpá-lo usando do prático aparelho eléctrico, tão cómodo, que tem automóvel embora não seja rica, parece que está muito mais preparada para a realidade da vida, que a sonhadora de outrora, mas não é assim.

O sonho de amor nem sempre se torna em profunda e séria amisade, mas ao primeiro choque fala-se em separação, ao segundo em divórcio, e pouco tempo dura a harmonia que era de esperar da mulher que sabe para o que vai e que tão pràticamente organizou a sua vida sem encargos de grande casa, nem imensas roupas a tratar.

E' que a mulher de hoje foi educada com outra liberdade, não tem apêgo à casa, porque foi educada fora dela e se tem uma instrução mais vasta, uma cultura superior, não tem êsse hábito do trabalho, êsse lindo hábito em que foram criadas as nossas avós e as nossas mães, de que o trabalho da mulher não tem fim, porque é de tôdas as horas.

Habituada a uma vida mais livre, a mulher sofre ao ter de se sujeitar ao jugo da casa, porque ainda que o trabalho esteja muito atenuado pelas imensas comodidades modernas, a vida dentro de casa tem sempre contrariedades, essas pequenas e mesquinhas contrariedades que irritam os nervos e os põe à flor da pele.

Na modificação do marido não será a razão da sua pouca paciência, porque se os noivos de antes eram todos poesia e doçura, cerimónias e cumprimentos, o que evidentemente se não poderia continuar pela vida fora e que traria uma desilusão, hoje não é assim, porque as noivas de hoje, têm a franqueza — chamemos-lhe assim — de se mostrar tal como são, não refreando o seu mau humor e não usando de grandes cerimónias, com o noivo, que estão habituadas a tratar em camarada, nos desportos que fazem juntos.

Noivas de ontem e noivas de hoje, que diferença no vestuário e que abismo na maneira de ser. Qual terá sido mais feliz na vida. A sentimental que pôs todo o seu sonho no casamento e que soube fazer dêsse sonho uma realidade na família?

Ou a mulher prática que não leva grandes ilusões e à primeira escaramuça ameaça com a separação?

Parece-me que sem dúvida, foi mais feliz porque melhor cumpriu o seu dever, aquela que duma quimera morta, fez uma realidade viva e que soube no amor dos seus, realizar a sua felicidade e a deles.

MARIA DE EÇA.

PÁGINAS FEMININAS

NOTA-SE com facilidade a crise de entusiasmo de fé, e de vida que atacou a humanidade, e, para quem observa, torna-se mais saliente essa crise na gente nova, nas raparigas e mesmo até nas senhoras.

E se é desconsoladora essa virtude nos homens e nos rapazes e se é verdadeiramente triste uma humanidade «blasée» na rapariga e na mulher, entes criados para o entusiasmo para a fé, para o desejo do belo e do melhor, é uma atitude que desconcerta, porque não está em harmonia com o conjunto, com a auréola digamos assim, que deve circundar a mulher nova; na fôrça da vida, na idade dos entusiasmos.

A mulher criadora de vida pelos desígnios da Providência, deve ter uma alma em que a vida papite, uma alma que saiba sentir e elevar-se espiritualmente.

E para sentir e para se elevar não é necessário coisas extraordinárias, aquele que admira e se extasia perante o trabalho duma humilde formiga eleva a sua alma até Deus que foi o Criador de tudo.

Nada mais desanimador do que encontrar essas senhoras e meninas, que tomam a atitude superior - julgam elas - da desinteressada, tudo as maça, nada lhes agrada, esperavam sempre melhor e acham inútil todo o esfôrço.

Mulheres assim, podem ter a perfeição de feições da beleza grega, serem estátuas vivas, dentro de pouco tempo a bôca descai lhes, o nariz torce-se os olhos embaciam-se, e, êsse ar desdenhoso torna-as quási simpáticas.

Porque a verdade é que as pessoas que se não interessam por coisa nenhuma, acabam por não interessar ninguém, e a quelas que nada admiram, que não vibram com os acontecimentos e com as coisas, são almas mortas em corpos vivos, que não podem atrair, como nada do que é morto atrai.

Há senhoras que já não são novas e que no entanto são sempre rodeadas por gente nova, procuradas por todos, e qual é a razão dessa simpatia que inspiram?

A mocidade que lhe vai na alma o entusiasmo que sentem por tudo, o grande desejo de compartilhar da vida, pelo entusiasmo, pela alegria, pela vibração.

Há nada mais gracioso do que ver uma jovem abrir os olhos à vida num desejo de beleza e perfeição, entusiasmando-se por tudo o que é verdadeiramente nobre e belo?

Sentir vibrar a vida num olhar moço, palpitar o entusiasmo nuns lábios sorridentes; é nessa vibração nessa palpitação que está a vida, que está a beleza, porque as pessoas que sabem apreciar o que é belo vivem duplamente, e, sem elas mesmo o suspeitarem espalham à sua volta uma atmosfera de simpatia e beleza, que fatalmente as torna atraentes, embora não sejam belas.

Que importa a beleza morta dum rosto sem expressão ou duma expressão desdenhosa e que afaste, se a beleza está na palpitação forte da vida, numa face expressiva e aberta.

A mulher deve entusiasmar-se diante do que é belo. Uma paisagem, uma flor, uma obra de arte, um vestido até, ou um chapéu, mas entusiasmar-se com equilíbrio não ao desejo louco de o possuir ainda que para isso se sacrifique ou faça com que outras façam sacrifícios.

Uma admiração simples, sincera, apenas pela beleza. Como é interessante ver uma rapariga admirar a «toilette» duma amiga mostrar-se encantada de a ver embelezada, e, como é repelente ler num olhar de soslaio, que a beleza duma mulher ou o seu vestuário levantaram numa alma de mulher, a serpente da inveja.

O entusiasmo é como que um agradecimento à Providência por tantas coisas belas, que nos faz ver, e que nos dão uma satisfação espiritual de tão elevado sabor.

Entusiasmar-se é viver, e, aquelas que na vida tomam a atitude da indiferença e do desânimo, se pensam que se tornam interessantes e que se valorizam, creiam que laboram em grave êrro.

A verdadeira superioridade consiste em saber interessar-se pelas mais pequenas coisas. Até aquelas que parecem insignificantes; é doirar, por assim dizer, o prosaísmo da vida de todos os dias, com a poalha de oiro de entusiasmo, que tudo vivifica.

Sentir com alegria um passeio, viver com satisfação um dia festivo, vibrar diante dum

quadro e interessar-se pela vida em tôdas as suas manifestações, alegrar-se com a felicidade, sentir a dor, regozijar-se com o bem, indignar-se com o mal, viver profundamente, sentidamente a vida que Deus nos deu e não deslizar sempre num sudário de gêlo, entre a humanidade, que vive, que sofre, que ri e que chora.

O entusiasmo a compreensão a vibração são sinais de intensa vida e dum coração aberto a todos os bons sentimentos, a tôdas as afeições O destino da mulher, é viver pelo coração.

MARIA DE EÇA.

A MODA

ESTAMOS quási na primavera e estão a aparecer as modas de meia estação, embora nesta estação seja mais difícil manter a «toilette» de estação do que no outono, devido às rabanadas de vento, aos degelos que ocasionam grandes baixas de temperatura, e, nos obrigam a envolver-nos nos grandes abafos de inverno, conservando apenas como símbolo da estação o chapelinho primaveril.

As grandes novidades ainda não apareceram mas anunciam-se à espectativa ansiosa das senhoras, como sendo da máxima elegância e sobretudo duma leveza enorme, tornando esbelta a silhueta, nada de pesadas golas, nem mangas excessivas e nos vestidos de passeio, moderação na roda.

E' esta na verdade a linha preferida pela maioria das senhoras e com muita razão porque é aquela que dá à mulher maior elegancia, tornando-a mais delgada se já o é e menos grossa se tem tendencia para a gordura.

No entanto é de recomendar às senhoras fortes, para não exagerar o apertado dos vestidos que não só não favorece a linha mas dá a quem as observa um aspecto de engordar progressivamente.

As senhoras magras não devem também exagerar os vestidos com muitos franzidos nem largura porque nos faz supor que de dia para dia emagrecem.

O meio termo é sempre aconselhável quer para umas ou outras.

Apresentamos agora alguns modelos.

Para vestido de manhã, conjunto em lã azul escura de maior simplicidade numa fazenda flexível e quente, sôbre o vestido casaco em fazenda «camurcine» azul escura, o corte forma um «empiècement», em bico, duas algibeiras cortadas guarnecem o alto do «empiécement» e, são da maior comodidade. Echarpe em «crepe satin» verde água, o cinto no mesmo tecido do casaco, ata num laço, sapato em camurça azul, chapeu em «taffetas» pespontado azul escuro.

E' uma linda «toilette» própria para viagem e desporto, que tem a maior elegância na mais completa simplicidade.

Para jantar, sumptuoso vestido em «lamé» de ouro e côr de violeta de parma. A frente do vestido é formada por um «panneau», que na altura das ancas vai atraz fazendo um «empiécement» de onde sai a parte de traz da saia num corte muito ligeiramente rodado que faz uma pequena cauda. As mangas são justas no ombro, alargando muito no cotovelo onde fecham em pequenos franzidos.

Gola alta abotoada ao lado. Esta «toilette» tem um aspecto muito grandioso e da Idade Média o que aliás se está notando muito nalgumas «toilettes».

Para a noite vestido de seda preta estampada com grandes ramos de côres alegres. A saia é apenas direita fazendo uns «godets» atraz. O corpete muito justo é subido na frente quási até ao

pescoço, sendo muito decotado nas costas onde aperta com um laço da mesma fazenda.

Sendo um vestido sem grande novidade é um vestido difícil de usar, que nem a tôdas as senhoras favorecerá. As morenas muito «mignomies» deve ficar muito bem.

Outro vestido de grande «toilette» e muito sumptuoso. Sôbre um «fourreau» em setim côr de ouro, um vestido em tule amarelo dourado, com aplicações de folhas de videira e cachos de uvas em ouro. O vestido de tule é muito rodado. Como cinto uma fita dourada. Uma «écharpe» em tule dourado completa êste lindo e elegantíssimo vestido duma originalidade rara e duma grande distinção.

O chapeu interessa sobremaneira à mulher e tem uma influência enorme no aspecto feminino é a primeira coisa que variamos no princípio das estações. O modêlo que damos hoje é em «taffetas» brilhante e tem a forma dum duplo turbante. Guarnece-o um prego em brilhantes, uma leve pena, que lhe dá a maior graça e um longo veu flutuante que desce até ao peito e cai nas costas.

Os véus têm cada vez mais voga o que não admira visto terem o condão de embelezar a mulher, dando-lhe um ar misterioso e gentil.

FEMINISMO

PODE dizer-se que na Europa, foi na Inglaterra que o feminismo mais se evidenciou e mesmo nasceu. As sufragistas inglesas foram celebres na história da nossa época pela energia com que reivindicaram os seus direitos e exigiram a igualdade para a mulher.

E' também na Inglaterra que principia a declinar o entusiasmo feminista, e, se para os lugares públicos são aproveitadas as mulheres de reconhecido talento e que têm direito a ter um lugar de destaque na administração do seu país a grande massa está voltando ao lar, na convicção de que é aí que a mulher tem o seu lugar marcado e que é dentro da sua casa, que ela contribui para o bem do país.

Nesse país onde a mulher é dactilógrafa, caixeira, comerciante, aviadora, escritora, jornalista, deputada e ministra é o país onde a mulher declara que o feminismo é uma desilusão, que a felicidade da mulher está na vida caseira e que a economia particular e pública só tem a ganhar com o regresso ao lar da Walkiria que partira de cabelos ao vento, arco e flecha na mão, à conquista da liberdade absoluta e da vida em igualdade de circunstâncias à vida do homem.

Não há mulher que não suspire pelo casamento pela vida modesta e ordeira de dona de casa e de mãi de família.

A que se deve tão grande mudança? Dizem que o que fez chegar a emancipada mulher inglesa a esta conclusão e que o que a desiludiu foi a questão económica.

Está provado que o ganho da mulher não é de grande proveito para ela, mas sim para os grandes industriais e para o capitalismo, porque a mulher tinha fornecido um verdadeiro exército às fábricas e escritórios, pago com salários mínimos, do que resulta o desiquilíbrio, porque em casa com a ausência da mulher, aumenta enormemente a despeza da família e não se chega ao equilíbrio.

Trará agora esta resolução da mulher inglesa uma modificação que ponha as coisas no seu devido lugar! Quer dizer o aproveitamento de todos os talentos femininos fazendo-os produzir para o bem universal. E a massa de inteligência normal, continuará a ocupar-se da casa e dos filhos como o fazia há séculos com tanto proveito.

COSTUMES DOUTROS POVOS

É sempre interessante conhecer os costumes populares dos outros países e por isso descrevemos uma festa que lembra as populares romarias do nosso Minho.

E' uma das festas mais características do Sul de Itália e realiza-se em Torre del Greco, próximo de Napoles na oitava da festa do Corpo de Deus, recordando a libertação da opressão senhorial, baronal, como lá se diz, que se deu pouco depois da festa do Corpo de Deus no ano de 1699.

São festas civis e religiosas, que com o andar do tempo se tem enriquecido com elementos novos aumentando de grandeza e luxo o que as torna caríssimas no dia de hoje.

Típica a construção de quatro grandes altares mais altos do que as casas, nos quais são reproduzidos monumentos e se ilustram episódios sagrados e profanos.

E' por isso que a festa se chama dos quatro altares. Esta festa faz-se em tôdas as povoações dos arredores e todos porfiam em que os seus altares sejam os mais artísticos e os melhores, mas Torre del Greco, vence sempre com a riqueza e engenho dos seus altares.

Só quem presenciou estas festas pode avaliar o encanto que a paisagem soberba lhe dá e os trajos encantadores dos camponeses dos arredores de Napoles. Como pano de fundo o Vesuvio iluminando-as e mantendo a sua eterna ameaça.

HIGIENE E BELEZA

A beleza das mãos é uma preocupação acentuada da mulher de hoje e se é fácil torná-las macias e mais brancas com creme de amêndoas e outros produtos, se se consegue tornar as unhas mais bonitas com verniz e outros ingredientes, que as tornam brilhantes, é muito difícil modificar-lhes a forma se não é bela e elegante.

No entanto há maneiras de as tornar apresentáveis. Em Paris há especialistas que tratam as mãos por meio de maçagens e conseguem modificá-las um pouco.

Mas nas mãos como em tudo com um pouco de arte se consegue esconder os defeitos. As mãos curtas e quadradas sem elegância não devem chamar a atenção por cuidados excessivos. As unhas devem usar-se compridas cortadas em bico, bem limadas e brilhantes com um pó sem colorido, para não chamar a atenção.

As mãos longas e finas que acusam raça, e têm em geral as unhas bem talhadas não exigem grandes cuidados e apenas um verniz dum bonito colorido avivará a sua beleza, que não precisa de muito realce porque tem o natural encanto.

RECEITAS DE COZINHA

Bôlo de Moka: Duzentas e cinqüenta gramas de palitos «la reine», 200 gramas de manteiga, 250 gramas de açúcar, duas gemas de ovos, uma chávena de café bem forte.

Bate-se o açúcar com a manteiga, bem batidas, juntam-se-lhes as gemas e o café, bastante para que fique um creme um pouco consistente.

Torra-se uma fôrma de pudim com os palitos «la reine», põe-se uma boa camada de creme tornam a pôr se palitos e creme e assim sucessivamente até encher a fôrma, sendo a última camada de palitos. Aperta se bem e deixa-se estar umas horas com um prato e um garfo em cima.

Depois vira-se um prato e cobre-se com um creme vulgar de farinhs e ovo ou com o mesmo creme que sobrou, gastando mais, enfeita-se, com amêndoa torrada e picadinha miuda e pistache de várias côres toma um aspecto lindíssimo e serve-se rodeado de frutas cristalizadas e rebuçados.

DE MULHER PARA MULHER

Darling: É muito mais difícil do que supõe arranjar traduções, as casas editoras têm em geral os seus tradutores e só acidentalmente aceitam uma tradutora nova. Aperfeiçoe-se na máquina e na estenografia e lance as suas vistas para a vida comercial que é muito mais prático.

Esbelta: Um vestido preto é bonito em tôdas as épocas e pode alegrá-lo com uns botões de côr, uma «écharpe» um lenço, da côr do chapéu por exemplo, em verde «jade» dá um lindo efeito. Usa-se muito e deixe-me dizer-lhe se quer ser verdadeiramente elegante, siga a linha da moda, mas não use o que tôdas as outras senhoras usam. Torna-se banal.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — A. 4, 3, 2
Ouros — A. 2
Paus — A. 2

Espadas — — — —	**N**	Espadas — — — —
Copas — D. V. 10, 9	**O** **E**	Copas — R.
Ouros — D. 10		Ouros — R. V. 9
Paus — D. 10	**S**	Paus — R. V. 9, 8

Espadas — 5, 4, 3, 2
Copas — — — —
Ouros — 4, 3
Paus — 4, 3

Trunfo espadas. **N** joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

O joga 10 *c.*, **S** — D. *c.*
S » A. *p.*
S » 7 *o.*, **N** — A. *o.*, **E** — 3 *o.* (1)
N » 5 *p.*, **E** — 3 *p.*, **S** — 4 *c.*, **O** — R. *p.*
O » D. *c.*, **S** — A. *c.* (a)
S » A. *c.*, D. *o.*, V. *o.* e 4 *o.* que **E** prende com 10 *o* sendo obrigado a jogar paus para debaixo de **N** para que faz 9 *p.* e V. *p.*, e **S** o A. *e*, fazendo **O** o V. *e.* apenas.

(a) Se **O** joga 9 *c*, em vez de D *c*, **S** — A *c* e A *e*, continuando o jogo da mesma maneira.

(1) Se quando **S** joga 7 *o*, **E** joga em vez de 3 *o*, o 9 *o*, e conserva o 3 *o*, até final, não faz vasa nenhuma em ouros porque **N** faz o 6 *o* sôbre o 4 *o*, de **S** substituindo esta vasa a do 9 *p.*

O cachimbo... eléctrico

Tantas são as aplicações que se têm dado à eléctricidade que até se põem agora ao serviço dos fumadores.

Uma revista da especialidade anuncia a criação dum novo cachimbo eléctrico.

E dá a seguinte explicação:

O tabaco junta-se num «recipiente com a forma dum cachimbo», onde uma resistência eléctrica o eleva a uma temperatura conveniente. A vantagem dêste novo instrumento é o fumador poder conservar o seu tabaco na temperatura desejada.

Têem, porém, um inconveniente: é o ter de estar ligado a uma tomada de corrente... a não ser que haja cachimbos portáteis como as lanternas de algibeira, com as suas pilhas!

Homens e caes

(Solução)

Eram 12 homens e 18 cães, dando assim um total de 30 cabeças, e, visto um dos homens ter perdido uma perna em resultado dum desastre, 95 pés.

Dinheiro trocado

(Problema)

Peguem em quatro moedas de 10 centavos, quatro de 5 centavos, quatro de 20 centavos e quatro de 50 centavos. Coloquem essas 16 moedas em quatro filas de quatro moedas cada fila, de modo que não fiquem duas moedas do mesmo valor em nenhuma fila quere vertical, quere horizontal, quere diagonalmente de canto para canto.

Definição

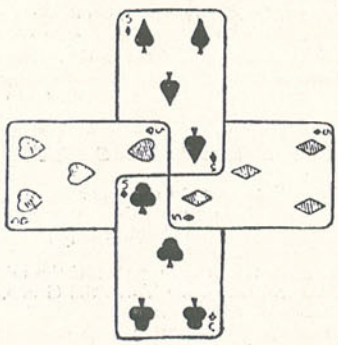
A diferença que existe entre um homem pretensioso e um homem modesto, é a seguinte:

Quando o pretensioso vai na rua e alguém de volta á sua passágem, diz comsigo mesmo: «Olham para mim; acham-me, com certeza, elegante e distincto!»

Quando o modesto vai na rua e alguém se volta á sua passágem, diz de si para si: «Olham para mim; terei porventura alguma nódoa no fato ou qualquer cousa de exquisito?

De cinco fazer quatro

(Solução)



Pela gravura se vê qual a maneira de colocar as cartas, de forma que só apareçam quatro pintas em cada uma.

Montanhas mexicanas

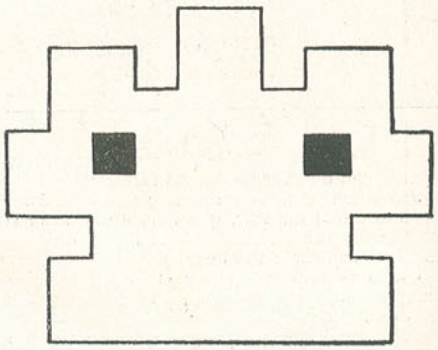
As montanhas mexicanas são uma das atracções naturais da terra de Anahuac e numerosos são os poetas que têm cantado louvores em sua honra, inúmeros os pintores que lhes têm fixado a grandiosa silhueta no espaço extremamente restricto de uma tela.

A mais interessante de cento e cinqüenta e seis altas montanhas que acidentam o solo do México, é, com certeza, a Iztaccihuatl, a «dama branca», cuja forma de mulher, deitada, se recorta no céu, a uma altura de 5.350 metros acima do nível do mar, coberta por um eterno sudário branco que a oculta aos olhares profanos dos homens.

Gerada por uma catástrofe geológica prehistórica, depois de ter deixado saír o fogo e a lava que trazia no seio, a dama branca adormeceu, de um sono que parece definitivo, tendo-se coberto de um véu branco, como num gesto póstumo de pudor.

Imensas florestas de pinheiros sobem-lhe pelas encostas até uma altura de 3.000 metros. A partir dessa altitude, a vegetação rarefaz-se, para desaparecer por completo a 4.000 metros. Daí por diante não há senão rochas, de arestas ameaçadoras, fendas e abismos por onde se escoam as torrentes, formadas pelo derretimento contínuo das neves eternas que lhe cobrem o cimo.

Paciência de dominó



Trata-se de construir, com as 28 pedras de dominó, uma figura semelhante a êste desenho. É preciso que os 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6 fiquem agrupados a quatro e quatro e que as pedras dobradas sejam as que contornem a figura, pela sua ordem numérica, começando no alto, ao centro, pelo duplo-zero, e seguindo pela esquerda.

Os dois quadrados negros são cavidades entre as pedras.

Uma rapariga inglesa, cega de nascença sofreu, ultimamente, uma operação melindrosa que lhe restituiu a vista, na idade de 22 anos.

Quando os seus olhos, fechados há tanto tempo, se abriram sôbre as imagens do mundo, a sua primeira impressão foi de angústia e desapontamento, pois segundo as suas próprias palavras, imaginára «que todos os rostos eram belos e que toda a gente tinha aspecto feliz».

Conselhos de Alexandre Dumas (Filho)

Anda duas horas e dorme sete por dia.

Sentindo sono, deita-te; acordando, levanta-te logo e trabalha, uma vez que estejas de pé.

Come só com apetite; bebe só com sêde; e tudo devagar.

Dize só o preciso. Escreve o que possas assinar. Faze o que possas contar.

Ao dinheiro (bom servo e mau amo), aprecia-o só na medida do que vale.

Para ir pelo seguro, perdôa adiantadamente a todos.

Aos homens, nem os desprezes, nem os odeies, nem deles rias; lastima-os apenas.

— Minha querida, nem tudo que se ouve se deve acreditar, sabes?
— Pois sim, mas isso não é razão para deixar de o repetir.

(«Guerin Meschino» — Milão).

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... **15$00**

Pelo correio à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15$00**; *enc.,* **Esc. 20$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA COSTA**

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR QUE NÃO AFECTA A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

Á VENDA

DESPORTOS EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTADO

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch..... **8$00**
Pelo correio à cobrança..... **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. ... ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. ... ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. ... ... 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. ... ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. ... ... 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

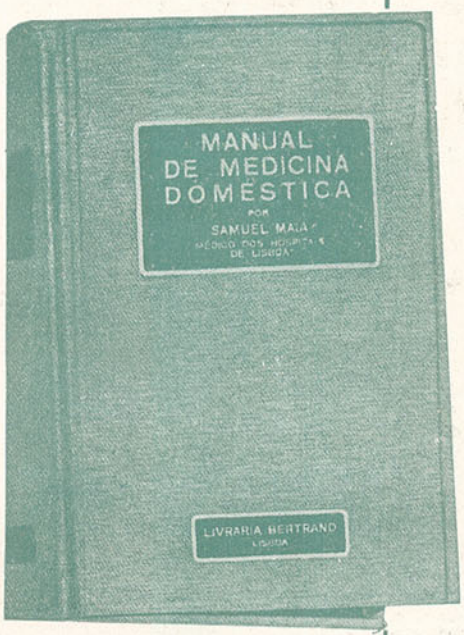
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nìtidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

A RISOTA

Semanário humorístico

Vai aparecer o jornal que faltava à gente portuguesa! **A RISOTA,** — o jornal humorístico que a todos fará rir, que a todos dará, semanalmente, algumas horas de boa disposição, de desopilante passatempo. Vem trazer a todos — velhos e novos, homens e senhoras, ricos e pobres — a alegria, com a sua graça apropriada, com as suas caricaturas da mais flagrante actualidade, com o seu comentário sarcástico ou ridículo, com a sua piada a tempo, e, sobretudo, com o maior desejo de fazer esquecer aos seus leitores as horas amargas da vida.

Vem, pois, aí **A RISOTA,** fazer-vos rir, à valentona. E vem alegre, atraente, trazida pela mão do escol mais brilhante, de artistas e escritores humorísticos.

E assim **A RISOTA,** dirigida por um poeta-artista, Augusto de Santa Rita, dar-vos-há os desenhos dos consagrados: Almada Negreiros, Arnaldo Ressano Garcia, Leal da Câmara, Arlindo Vicente, Amarelhe, Hugo Sarmento, Zeco, Arcindo Madeira, etc. A prosa e o verso serão dos brilhantes escritores: Tomás Ribeiro Colaço, Augusto Cunha, Armando Ferreira, Mário Marques, Luís de Oliveira Guimarães, Castelo de Morais, José de Oliveira Cosme, Cardoso Marta, D. Tomás de Almeida, Anibal Nazaré, António Santos (Antonito), José Castelo, etc.

Oito páginas, a côres, publicar-se-há tôdas as **segundas-feiras, custando apenas 1$50**

A' venda em tôdas as livrarias, tabacarias, gares de caminho de ferro, postos de venda de jornais e nas ruas por todos os vendedores

COMPREM, LEIAM, DIVULGUEM

A RISOTA

ARTE E ALEGRIA

Façam imediatamente as suas requisições à

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 em **LISBOA**